

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor:

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço telegráfico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 48

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegráfico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O PROFESSOR da Universidade do Porto, sr. dr. Mendes Correia, realizou no Instituto Luso Brasileiro de Alta Cultura, do Rio de Janeiro, uma série de lições e conferencias que impressionaram vivamente os meios científicos brasileiros, e mereceram as mais altas referências da Imprensa culta do Brasil.

Numa conferencia sobre a Atlantida lendaria e o seu problema, o sr. dr. Mendes Correia sustentou que os mitos helenos do mar se adaptam maravilhosamente á historia da Atlantida. Entre os reis da Atlantida houve Atlas e Garidos, nomes correspondentes a lugares occidentais, como o proprio Platão acentua. Entre outros nomes de reis o professor citou o de Elásippos, palavra grega que significa: «lançador de cavalos em corrida». Ora Lisboa ou Olisippo aparece, em textos muito antigos, relacionada com uma lenda referente á velocidade dos cavalos na Lusitania.

Esta coincidência, e outros factos, levam o dr. Mendes Correia a idear a hipótese de que Elásippos seja o epónimo de Lisboa, cuja aparição na historia seria assim recuada para o século IV antes de Cristo. Elásippos seria o primeiro nome grego de Lisboa.

A filiação do nome de Lisboa em Ulysses, em Lysias, em Elisa, em Lisibona, a etimologia fenicia de «Alisubbo» (enseada amena) não tem — segundo o dr. Mendes Correia — base séria.

* * *

ESTA publicada em volume a notável conferencia que o eminente professor Mario de Azevedo Gomes realizou ha tempos na Sociedade de Ciencias Agronomicas sobre O Comercio das Resinosas em Portugal. Assunto de alto interesse para a economia nacional — dado o valor que esses produtos representam e, sobretudo, podem vir a representar no nosso comercio de exportação, no momento em que outros produtos encontram dificuldades de colocação nos mercados externos — ninguém melhor que o professor Azevedo Gomes o saberá tratar. A leitura do criterioso opusculo recomenda-se aos estudiosos da materia e, em geral, a quantos consagram a sua actividade ao problema da valorização das nossas riquezas.

* * *

DEU-NOS hoje o prazer da sua visita o sr. dr. Trindade Coelho, ministro de Portugal junto do Vaticano.

O illustre diplomata que, com tanta distincção, representa o nosso país, vai demorar-se algum tempo, a fim de acompanhar sua estremosa mãe que esteve bastante doente.

O «Diário de Lisboa» que muito o preza, acompanhando com o maior entusiasmo a obra cultural luso-italiana que anda promovendo, apresenta-lhe os seus cumprimentos de boas vindas.

POESIA DEMAIS...

Um estrangeiro culto, que recentemente nos visitou o que se interessa de maneira especial pela arte e pela literatura, supunha ser esta ultima, em Portugal, dominio e pertença quasi exclusivos da poesia e dos poetas. Assim lho tinham dado a entender, segundo confessava, alguns livros e estudos talvez lidos apressadamente sobre a nossa evolução literaria e as nossas tradições e preferencias de espirito, livros e estudos de autores não portugueses, é claro.

Não conhecia decerto, o simpatico forasteiro, os trabalhos criticos — lucidissimos e completos — de Aubrey Bell, nem os três comprehensivos ensaios que Valery Larband coligiu no volume intitulado «Blanc, Bleu, Rouge», nem sequer o vasto e nitido panorama mental traçado por Phileas Lebesgue nas paginas entusiasticas da sua obra «Le République Portugaise». Mas não duvido de que outros livros conhecesse e leira. E, de facto, velho costume de quantos, lá fora, se referem á nossa psicologia e capacidade criadora, limitar a primeira a uma especie de primitivismo ingenuo, e a segunda ao ambito da expressão lirica e da pior expressão lirica...

Ora, se não me parece vergonha considerarem-nos um povo de poetas — donde que se explique bem o sentido e o valor desta palavra — é visão simples demais aquella que nos atribui apenas dotes de inspiração e ritmo, de sensibilidade vibratil, de paixão veemente, de ternura saudosa, de existencia emocional, em suma. Dir-se-ia que nos pribeim a posse e exercicio das supremas virtudes do homem, que são a razão esclarecida, a intelligencia indagadora e ordenadora, a imaginação constructiva, e o engenho, o genio apto a conceber e a realizar honesta e persistentemente a sonhar e a edificar sem medo e sem desanimo. E, no entanto, a nossa historia aí está a afirmar-nos, e a afirmar a todos, que nunca faltou pensamento claro e energico ás iniciativas e cometimentos da grei. Porque faltaria, ou faltará o mesmo decidido e meditado proposito — suscitador de hábitos de análise e reflexão — que levam o escritor a ultrapassar a inevitável fase sentimental — á nossa literatura, á nossa vida e actividade literarias? Evidentemente, nunca faltou. Os observadores superficiais, porém, não nos consentem senão a poesia — e já é sorte quando a não reduzem á lamentosa piegure do fado!... — como linguagem interpretativa da alma nacional. A poesia não fornece temas e motivos tão facéis para a retorica do turismo papagueante... Porventura será essa a causa da tenaz indifferença do obtuso desprezo que lhe votam...

Se me aborrece não saber apreciada e admirada a nossa literatura mais ou menos filosofica, ou sociologica, ou politica, e ainda os romances e novelas — onde temos autenticos mestres de talento fulgurante — não é porque eu não seja tambem um devoto do lirismo, embora gostasse mais de lhe chamar idealismo, sempre que o termo se empregasse para caracterizar tendencias e intenções portuguezas. O que do, afinal, é verificar o esquecimento profundo, revelado por estranhos, da colaboração notável que prestámos, pelos seculos adiante, á cultura europeia — esquecimento originado, muitas vezes, na falsa noção da nossa absorvente e destemperada aptidão poetica. Povo de bons poetas, está bem. Povo unicamente de poetas, está mal. Cumpre-nos readquirir no mundo o lugar que merecem as nacionalidades cujo triunfo e prestigio provém da intelligencia que liberta, do pensamento que ennobrece e guia os cidadãos.

JOÃO DE BARROS



—Trago-te uma loção que é infalível contra a queda do cabelo.
—Obrigada. Acho, porém, que deves oferecê-la antes á tua dactillografa, porque ella todos os dias te deixa cabelos no fado...

Nº Ribatejo, e nomeadamente na região de Azambuja, está lavrando alarmantemente o sezonismo. Se já ha uns anos mais ou menos nesta quadra o paludismo campeia, desta vez o caso toma proporções muito maiores. Ha familias na Azambuja que se preparam para emigrar.

A que attribuir isto? Aos arrozais mal defendidos pela hygiene que a lei impõe. Ha pantanos a descoberto, valas imundas. E como a cultura do arroz — e ainda bem — se tem desenvolvido de ano para ano, a ameaça cresce na mesma proporção, não em virtude dessa cultura do arroz, mas pelo não cumprimento dos regulamentos e leis que, no intuito de acautelar as populações, estabelecem cuidados de canidade, que não se observam.

E' preciso notar que ha um bom numero de lavradores em grande e em pequena escala, que montaram postos sanitarios contra a malária, e que cumprem quanto a lei impõe ou eles proprios, pela experiencia e pelo esculpulo, entendem indispensavel.

Outros, porem, por desmazelo por inconsciencia ou por ganancia não procedem assim. E o resultado está a ver-se. Não é preciso mesmo descrever o quadro negro tal qual ele se apresenta.

E cabe perguntar: não existe ou deve existir um fiscal do Governo e da lei? Se existe, que faz ele? Porque não procede em defesa das vidas dos trabalhadores e da população, ameaçados ou já vitimas do terrivel sezonismo?

* * *

DE uma compilação estatistica do sr. A. Rocha na revista «Brotéria», recortamos os seguinte periodos:

«Em Braga, as crianças recenseadas são 23.251 varões e 22.585 fêmeas, num total de 45.816 crianças de um e outro sexo. Pois só 28.464 se acham matriculadas (17.303 varões e 11.161 fêmeas) e a frequencia média total é de 22.436 alunos nas escolas officias. Se no distrito de Braga não houver ensino particular fora do ensino official, teremos de concluir, que mais de 50 por cento das crianças recenseadas não frequentam as escolas.

O quadro é verdadeiramente tragico no distrito de Castelo Branco. Ha neste distrito, 18.909 crianças recenseadas do sexo masculino e 18.460 do sexo feminino. Os alunos matriculados de um e outro sexo são 10.385 varões e 7.135 fêmeas, o que prefaz uma percentagem de matriculados só de 47 por cento. Se atendermos, que a frequencia é só de 13.646 alunos, a situação do ensino primario, no distrito de Castelo Branco, apresenta-se-nos alarmante.

Nalguns concelhos, como Proença-a-Nova, Sertão e Vila de Rei, a percentagem de matriculados é só de 40 por cento. Mas o que mais admira é a pouca frequencia escolar em cidades, como na Covilhã. Nesta cidade, as crianças recenseadas são 3.708 do sexo masculino e 3.490 do sexo feminino. Os alunos matriculados são apenas 1.711 varões e 1.291 fêmeas. E' muito pouco.

Nos distritos de Bragança e Coimbra a situação melhora bastante. A percentagem dos alunos matriculados é respectivamente de 83 por cento e 67 por cento das crianças recenseadas. Este o problema do analfabetismo, tal como se apresenta em Portugal, com toda a sua realidade».

Mundano

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Alda Ferraz de Sousa Rego, D. Margarida Manuel Pinto Coelho, D. Maria Vera de Castelo Branco de Paiva Brandão, D. Helena Archer Guedes, D. Alice Fernandes Vasconcelos y Bácha, D. Maria José de Villas Boas Canas Costa e Silva, D. Matilde Aires de Sá, D. Delfina Ervedosa, e as meninas Maria Manuela Ferreira Pedrosa de Lima e Maria Luíza de Oliveira Pegado.

—Fazem também anos a menina Maria da Alegria Nunes.

NASCIMENTOS

A sra. D. Maria Silveira Durão de Arantes e Oliveira, esposa do engenheiro sr. Antonio de Arantes e Oliveira, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

NA COSTA DO SOL

O dia de domingo, na Costa do Sol, foi revestido de extraordinário brilhantismo, vindo-se tanto de manhã, depois da missa, na esplanada Tamariz, tomando o tradicional aperitivo para o almoço, como de tarde, à hora do chá dançante e à noite, ao jantar concerto seguido de baile, no salão do restaurante do Casino Estoril, uma enorme e selecta concorrência, entre a qual nos recorda ter visto as sr.:

Senhora de Tuazzi, viscondessa de Tojal, D. Maria Izabel de Orey Corrêa de Sampaio e filha, D. Amélia de Freitas Carvalho Maia e filhas, D. Maria Tereza Pressler Pinheiro Chagas e filha, D. Maria Luíza Bragança Reis do Carmo e Cunha, D. Leonor Almeida e Silva Guedes, D. Leonor de Sousa Madureira, D. Branca Lopo de Carvalho Canales de Abreu, D. Maria Julieta Brissac Neves Ferreira Canales de Abreu, D. Alice Sousa Melo e Tilio, D. Maria Tereza Braga de Mendonça, D. Eugénia Ribeiro da Silva, D. Edna Reynolds de Sousa de Lancastre, D. Anete Amzalack, D. Lea Cohen Zagury e filha, D. Albertina Soares de Bergaria Nunes de Carvalho, D. Elizabeth Pressler, D. Berta Bastos Mendes, senhora do dr. Alberto Xavier e filha, D. Maria do Carmo Canales de Lacerda e filha, D. Maria Fernandina Canales de Lacerda Pinto de Lima, D. Raquel Barros de Matos Cid e filhas, D. Gert Costa Seixas, D. Maria Helena Nobre da Costa, D. Laura Villar e filha, D. Emilia Aranha Gonçalves, D. Maria Eugénia Morano, D. Maria Abrantes Pinheiro Chagas, D. Maria Chagas, D. Maria Carlota de Sommer Pereira Salgado, D. Maria Josefina Burnay Ragazzi, D. Maria Carlota de Sommer Vianna Santos Franco, D. Lucinda da Conceição Pereira Góes, D. Izaura Vaz de Araújo Santana, D. Natalia Zagury Contreiras, D. Maria Natalia Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Maria Tereza Rebelo Navarro, D. Maria Matheus dos Santos Tavares, D. Raquel e D. Sara da Costa Cardoso, D. Germana Marques Vieira Pinto, D. Gracinda de Castro Vaz de Araújo, D. Maria Luíza Matheus dos Santos, etc.

EM VIAGEM

Os srs. condes da Figueira encontram-se já na sua casa da praia da Granja.

—Nas Termas de S. Pedro do Sul, estão no Lisboa-Hotel, os srs. condes de Leça.

—Para a sua casa da Louzã, partiu com sua família, o notável artista sr. Carlos Reis.

—Encontra-se já em Queluz, com sua família, o engenheiro sr. Antonio Leite Pereira Jardim.

—Regressou de Paris, no «sude», com sua mãe a sr. D. Adeline Sobral, o distinto pianista sr. José von Rosenstock.

Luna-Parque

O recinto onde se encontram

AS MELHORES

Atrações Internacionais
de alta categoria

Noje: Grande noite

O maior sucesso da capital

Colossal reunião, durante
toda a noite, de toda
a população lisboeta

AVENIDA

Cada vez em maior triunfo

SANTO ANTONIO

agora com dois números novos por

PALMIRA BASTOS

Dá-me os teus lábios!

A canção de Alfama

Brevemente: Estreia do actor

comico Nascimento Fernandes

TEATROS E CINEMAS

Embaixada Cubana no Nacional

Dalia Iniguez—delicioso fruto cubano, doce e ácido, consoante o sabor das trovas que ressona—e Juan Pulido—aquele famoso barítono de boa escola que conhecemos dos discos fonográficos—foram-nos enviados da Havana e apresentados pelo seu representante em Lisboa como embaixadores artísticos de qualidade. E assim foram recebidos pelo publico do Nacional, em ovações constantes e prolongadas, tão quentes que muitos numeros tiveram de ser repetidos sem que ninguém se cansasse e todos desejando um novo recital, que terá lugar esta noite, já afirmando o exito.

Começou Dalia Iniguez—havanera jovem, formosa e elegante—com a recitação de poemas espanhóis: «Deligencia de Carmona», do sevillano Fernando Villalon que estimamos em vida e todos ignoramos como poeta até que Gonzalez Marin o deu a conhecer; «Vendimia», de Angel Lázaro; «Castilla», de Manuel Machado, e «Cancion», musica e versos de Federico Garcia Lorca. Depois, recitou os poemas sul-americanos e os classicos espanhóis, concluindo com a «Marcha Triunfal», do grande Ruben Dario. E Juan Pulido terminou o belo espectáculo com varias canções sul-americanas, havaneras e tipicas mexicanas, algumas espanholas, como «Granada» e, de maneira inédita e admirável, a «Canção do Barqueiro do Volga». Do exito de ambos, melhor que os adjectivos da critica, dizem bem os aplausos constantes ao espectáculo que, por desejo de todos, se repete esta noite no Nacional.—R. P.

Carmen Thalia

Carmen Thalia é a nova «vedeta» que Lisboa vai apreciar e decerto aplaudir na revista que, na quarta-feira, se vai estreiar no Politeama, «A volta a Portugal». Jovem, alegre, jovialissima, fresca, atraente, a curiosa artista que no seu idioma e no nosso dará um ambiente novo ao novo espectáculo do Politeama, lembra outra sua compatriota que deu brado, Anita Salambó, já agora portuguezissima de lei pelo seu casamento com um compatriota nosso, tendo, como ela, uma expressão vivissima de mocidade, azoalha, olhar claro e limpo, boca rizada, acentuada no sangue oriundo dos arabes, e, acima de tudo, qualidades de actriz, que o foi de comedia, qualidades de «vedeta», que os revelou na Argentina.

Atrás do reposteiro

Confirmando as nossas noticias, sabemos que o Commissariado do Desemprego, de acordo com a comissão instalada do Sindicato dos Artistas Teatraes, cometeu o cargo, a esta comissão, de elaborar rapidamente o cadastro completo de todos os artistas que se encontram desempregados, com o fim especial de promover a organização de núcleos, devidamente apetrechados, para, em successivas tournées pelo país e, possivelmente, em Lisboa e no Porto, effectuar a sua actividade.

OS FASCISTAS CHILENOS

estão divididos em quatro grupos

SANTIAGO DO CHILE, julho.—O movimento fascista do Chile está concentrado em 4 grupos distintos, desde o que tem um programa definido e dirige um proeminente liberal, até uma misteriosa organização juvenil. O sr. Agostinho Edwards, proprietario do diário «Mercurio» dirige um destes grupos, que propõe a criação de uma camara corporativa baseada em quatro gremios, cada um dos quais com as suas correspondentes secções de patrões e operários. Outro grupo de tendencia fascista é constituído pelos grandes industriais, que formaram uma associação denominada União Republicana. O sr. Edwards é o unico chefe de todas as organizações de tendencia fascista que têm um problema definido.

As quatro corporações provinciais ou gremios terão dois presidentes eleitos por patrões e operários, e com o governador constituirão a Assembleia Provincial. O governador não terá voto e a Assembleia elegerá os empregados municipais entre os membros do gremio. A assembleia provincial elegerá dois senadores por representação do trabalho e outro, do capital, que substituirão os senadores actuais eleitos por sufragio universal. Um departamento do ministerio do Interior inspecionará os serviços e assumtos corporativos. Só as pessoas casadas, as maiores e tenham cumprido o serviço militar poderão ser registradas. Os agricultores para ser eleitos deverão cultivar terras no valor de dois mil dolares.—(United Press).

tearem espectáculos sobre as bases modernas do corporativismo. O referido cadastro será, quanto possível, completo, desde a idade do artista, a sua situação no teatro, o seu ultimo contrato, as suas possibilidades de trabalho, o genero que cultiva de preferencia e as suas condições económicas resultantes da falta de colocação.

—Aurora Aboim, que se encontra de novo no Rio de Janeiro, firmou ali um vantajoso contrato com a Radio, para cuja empresa está já cantando desde ha tempos.

—A Digressão Artística Deolinda de Macedo realiza, por estes dias, um espectáculo no Casino das Termas de S. Pedro do Sul, na sua passagem por esta estância.

—Está sem contrato o ponto teatral João Santos, que é um dos bons elementos na sua especialidade.

—Palmira Bastos teve ontem um novo triunfo na revista do Avenida, Santo Antonio, com os dois lindos e encantadores numeros que estreou: «Dá-me os teus lábios!» e «A canção de Alfama», que continuará repetindo todas as noites.

—Segue amanhã para o Caramulo, onde vai submeter-se a tratamento demorado, o contra-regra José Luiz.

—No dia 25 do corrente reabrirá o Apolo, para uma temporada de verão, até ao fim de agosto, com uma companhia que se estreia com a revista, em 2 actos, Vinho Verde, original de Trés maduros.

—Toda a gente que gosta de se divertir reúne-se esta noite no Luna Parque, onde se encontram trabalhando em cheio, no meio de grande alegria todas as atrações e diversões internacionais.

—Está dando já as suas ultimas representações no Coliseu a ópera comica de costumes orientais, a «Gueisha». Sexta-feira: estreia da «Casta Suzana» e reaparição de Cremilda de Oliveira a admirável actriz, que criou o papel de protagonista desta opereta.

—Está fixada já para a actual semana, a estreia, em três numeros novos, escritos propositadamente na revista Santo Antonio, no Avenida, do actor-comico Nascimento Fernandes.

—Numa farsa que vai ser representada em Lisboa reaparecerá, num dos seus papeis a actriz Amélia Pereira.

—Com os ensaios que se estão realizando no Variedades, de dia e de noite, é definitivamente no dia 25 que ali se estreia a farsa O Gato Brabo, de João Bastos.

—O terceto de bailarinos que está ensaiando para uma digressão pelas praias é composto dos artistas Cremilda de Sousa (Cresy), Francisco Costa e Charles. O bailarino Januario Ruivo (Janou) está contratado para a Trindade.

—A inauguração da época de inverno, no Carlos Alberto, do Porto, far-se-á com uma companhia de revistas, em duas peças do genero, de acordo entre os empresarios Antonio de Macedo e Artur Mota.

A LUTA CONTRA A MALARIA

nos Estados Unidos

WASHINGTON, julho.—O mosquito anofila, que tem causado mais vitimas que as granadas na guerra, criou um novo problema. A luta contra a malaria reduz-se geralmente á eliminação dos anofilas e dos centros onde se criam.

Julgava-se até ha pouco que este insecto transmissor da malaria não podia trasladar-se mais de uma milha do seu lugar de origem. Por isso, era facil de localizar os campos contra o insecto. Recentemente, as investigações do Serviço de Saude dos Estados Unidos averiguaram que o anofila pode emigrar para distancias de dose a quinze milhas, o que complica consideravelmente a questão da sua destruição. Tal questão será estudada na nova Conferencia Sanitaria Pan-Americana, que se celebra no proximo mês de novembro em Buenos Aires.

Os estudos preliminares do Serviço de Saude Publica dos Estados Unidos revelam que o mosquito que colocou o problema das largas emigrações na zona do canal do Panamá se cria com as flutuações do nivel da agua, no lago de Gatun. Toda a questão das emigrações deste mosquito é objecto de sérios estudos e as descobertas que trabalham na zona do canal terão estado levando a cabo os cientistas que uma importancia extraordinaria para a luta contra a malaria.—(United Press).

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Provincias

BELMONTE, 11.—As grandes e tradicionais festas da villa, que vão realizar-se em 28, 29 e 30 do corrente, prometem ter este ano um brilho extraordinario.

Serão, mesmo, as melhores da Beira Baixa. Fazendo parte do programa, realiza-se no dia 28 a grande feira franca, que também é das melhores que aqui se realizam.

A comissão, que é composta por elementos de categoria, não se tem poupado a esforços para proporcionar facilidades aos forasteiros. Haverá preços reduzidos nos caminhos de ferro, carreiras de camionetes entre Castelo Branco e Guarda e todas as comodidades nesta villa.

As pessoas que vierem assistir ás festas terão três dias cheios de alegria e encanto.

Parte do produto liquido reverte a favor da Misericórdia de Belmonte.

FEIRA, 12.—Os candidatos propostos a exame do 2.º grau, neste concelho, são em numero de 249 (186 do sexo masculino e 63 do feminino).

Hão de constituir-se 4 juris, 2 masculinos, 1 misto e um feminino.

—Na freguesia de Lobão, deste concelho, quando Ramiro Henrique dos Santos estava a experimentar uma arma de fogo, esta disparou-se, inesperadamente, indo a carga atingir mortalmente uma irmã do Ramiro, de 16 anos de idade.

—Realizam-se nos proximos dias 4, 5 e 6 de agosto imponentes festas em honra de Nossa Senhora da Piedade, no pitoresco e aprazível lugar do mesmo nome.

Abrilhamam-nas as bandas de infantaria 6. de Penafiel, e a dos Bombeiros Voluntarios desta localidade.

CALDAS DAS TAIPAS, 12.—Ontem, pelas 19 horas, desencadeou-se uma violenta trovoadá, acompanhada de fortes aguaceiros, que inundaram toda a povoação.

Uma falsa, caíndo numa meda de centeio, na propriedade dos Quitan de Brito, incendiou-a, perdendo-se o fogo a um alpendre, que ardeu também. Os prejuizos são avaliados em 11 mil escudos.

—No passado domingo, quando se dirigia a Guimarães, o sr. Feliciano da Costa, comerciante na avenida dos Combatentes da Grande Guerra, de Braga, no seu automovel, n.º 7485, foi contra um poste de energia electrica, em frente da Estação Telegrafopostal desta localidade, derrubando-o e partindo-o.

O automovel ficou em misero estado e o sr. Feliciano Costa muito ferido.

POMBAL, 13.—Em consequencia de haver sido descoberto um desfalque na secção central da Secretaria Judicial desta comarca, deu entrada ha dias, sob prisão, no hospital da Misericórdia desta villa, o chefe da mesma secção, Carlos Cunha de Aguiar, que dentro em breve deve ser transferido para o hospital da Universidade de Coimbra.

Não está ainda devidamente apurada, nem pode com rigor apurar-se, a importancia total do desfalque, em virtude de se ter verificado não haver escrita regularmente montada desde a instalação das Tesourarias Judiciais, e só uma inspecção judicial, já requerida, poderá apurar ao certo esse montante.

Contra o funcionario referido foi hoje distribuido em Juizo o competente procedimento criminal e está a correr seus termos o respectivo processo civil, tendo sido já arrestados varios bens.

Diz-se que o sr. ministro da Justiça afirmou ha tempo que esta comarca tinha muito movimento mas pouco rendimento, o que parece ter dado lugar á sua baixa de classe.

—Prosseguem com incremento as obras da nova estrada de acesso ao Castelo, donde se disfruta um soberbo panorama.

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Andres	11005	11020
Paris	1344.1	1344.3
Londres	2388.8	2390.2
New-York	2182.7	2185.7
Berlim	7813.2	7814.1
Amsterdão	1887.5	1887.7
Bruxelas	1810.1	1810.8
Sancti-Sp	11880.1	11882.1
Basileia	8836.5	8837.7
Praga	810.7	800.8
Rio de Janeiro	1889.1	1889.4
Libra ouro		

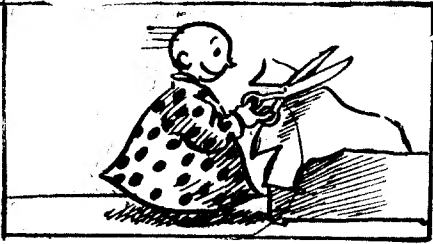
Henrique de Barros Gomes

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

Telef. 25482 Rua S. Julião, 69

PARA AS CRIANÇAS

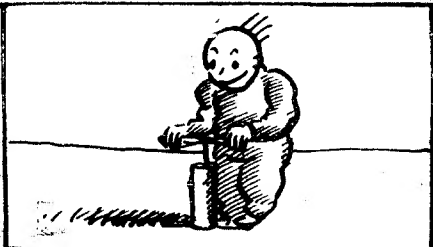
PAGINA INFANTIL

AS AVENTURAS
DO QUIM E DO MANECAS

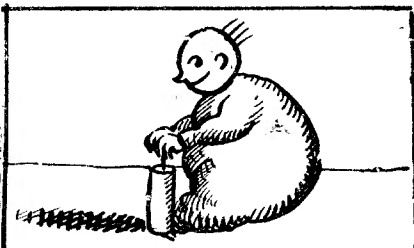
I—Manecas quer dormir a sesta dentro de água, por causa do calor.



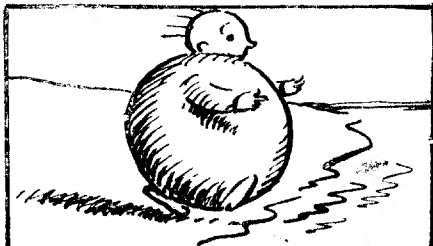
II—Inventa um fato de banho, para esse fim.



III—Chegado á praia, Manecas mete ar comprimido no fato...



IV—... que pouco a pouco vai enchendo.



V—Manecas encaminha-se para o mar...



VI—e, boiando, pode dormir descansado.

Dr. Bastos Gonçalves
CIRURGIA GERAL — OPERAÇÕES
(Estômago, intestinos e fígado)
Doenças das senhoras
Consulta especial às 5.^{as} feiras para famílias
de oficiais
C. Estrela 129

A historia do Julião

Vou hoje contar-lhes uma historia verdadeira que tem por principal personagem um rapazinho meu conhecido, chamado Julião.

Filho de excelente familia, habituara-se desde pequeno a que nada lhe faltasse, satisfazendo todos os caprichos, ainda os mais disparatados.

Os pais adoravam-no e para não o desgostarem nem sequer lhe ralhavam quando, como amiudadamente acontecia, fazia alguma traquinice.

Ora o Julião tinha por grande amigo e companheiro de brincadeiras, um outro menino quasi da mesma idade que ele, com o qual folgava e ria despreocupadamente.

Irmanados pelas condições de vida que ambos disfrutavam, pois os pais do Americo tambem eram ricos, nada os impedia de darem largas á sua amizade, considerando-se grandes e verdadeiros amigos.

Aquilo já se sabia. Quando o Julião ia passear, o Americo ia tambem; se um deles ia ao cinema, o outro tambem não faltava. Em suma, eram muito amigos.

O tempo decorreu, e os dois rapazitos foram crescendo, transformando-se em esbeltos moços, encanto das respectivas familias.

Porém, com a idade, o Julião adquirira um feio costume: desdenhar dos que, devido á sua pobreza, eram menos que ele.

O Americo, então, era o contrario. Bom e carinhoso, ajudava sempre os necessitados, nunca troçando ou desdenhando de quem quer que fosse, e muito menos daqueles que, devido ás suas profissões humildes, tinham que estar sob as ordens de todos.

Esta diferença de feitios tinha já dado motivo a varias discussões entre ambos, discussões essas que devido á grande amizade que os ligava terminavam sempre em bem.

Ora o Julião, nesse dia, foi passear como de costume com o Americo.

A manhã estava linda, iluminada pelo sol claro e luminoso de agosto, e os dois rapazitos enchiam os pulmões do ar fresco que o alvorecer trouxera.

Foram até ao Campo Grande, correram, brincaram, e na volta, decidiram vir a pé, devagarinho, a conversar. Assim fizeram.

Conversaram de variados assuntos, até que o Julião ao ver um desses empregados municipais a que o povo se habituou a chamar «almeidas», largou em grande troça do pobre homem, chamando-lhe em alta voz, «escrivão da pena grande» e outros nomes indígnos de pessoas bem educadas.

D. Maria da Concelção Rôxo

A Assistência Infantil da Freguesia de Santa Isabel tomou a iniciativa de homenagear condignamente a memoria da benemerita sr.^a D. Maria da Concelção Rôxo, que faleceu em Condeixa no passado dia 15, tendo doado uma parte importante da sua fortuna a varias instituições de assistência.

A reunião realiza-se no proximo dia 20, ás 21 e 30 horas, na sede daquela colectividade, rua do Patrocínio, 5.

Assinaturas de Vilegiaturas
DO
Diário de Lisboa

Para facilitarmos a aquisição do nosso jornal para as pessoas que vão residir para as praias, terras ou campo, abrem-se, desde já, na administração do «Diário de Lisboa», assinaturas por 10, 20 e 30 dias, mediante o pagamento ou a remessa da respectiva quantia.

10 dias.....	3\$00
20 dias.....	6\$00
30 dias.....	9\$00

O Americo, ao ver os disparates que o Julião fazia, sentiu uma imensa magua invadir-lhe o coração, e procurando obrigar o companheiro a calar-se, arastou-o dali rapidamente, dizendo-lhe:

—Parece impossivel! Tu, um rapaz bem educado, troçares de um pobre homem que anda a ganhar honradamente a sua vida! Não sejas assim! Aquele homem é um varredor de ruas, assim como tu ou eu o podiamos ser tambem. Se o fosses gostarias que te ofendessem, que te escarnecessem?

—Ora; lá estás tu com as tuas manias...—respondeu o Julião rindo.—Não sejas piégas...

—Chama-me piégas, chama-me...—retorquiu o Americo. Talvez um dia tenhas de te arrepender...

E na verdade, as palavras do Americo cumpriram-se.

Separados pelas diferentes carreiras escolhidas, passaram muitos anos sem se encontrar. O Americo cursara a Medicina e conseguira tirar o seu curso. Do Julião nada mais se soubera.

Um dia o Americo, saudosos dos tempos passados, foi até ao Campo Grande reviver a sua infancia. Andou por lá, passou pelas mesmas arvores, sentou-se nos mesmos bancos onde antigamente se sentava com o Julião, até que decidiu regressar a casa.

Deparou-se-lhe então um espectáculo que ainda mais o fez recordar o seu amigo.

Varrendo as folhas das arvores que o vento fizera cair, um «almeida» suportava resignadamente os dichotes que três garotos mal educados lhe diziam, troçando-o em grande algazarra.

Revoltado, o Americo aproximou-se dispondo-se a correr com a garotada, quando da sua garganta saiu um grito de espanto:

—Julião! Tu aqui!

Era verdade. Arruinado e sozinho, só aquela profissão de que antes desdenhara, lhe surgira como salvação para não morrer de fome.

A emoção foi enorme. Caído nos braços um do outro, para ali estiveram abraçados até que o Julião disse:

—O destino castigou-te.

—Compreendo finalmente que nunca devemos escarnecer dos humildes... Estou arrependido!

—Vem comigo—respondeu o Americo.

Seremos novamente os amigos de antigamente...

E lá partiram, contentes, pelo mesmos caminhos onde outrora o Julião troçava dos que eram menos que ele...

HENRIQUE SAMORANO

MOREIRA
ALFAIATE

Participa dos seus Amigos e Ex.^{mos} Clientes que, para comodidade dos mesmos, mudou para melhores instalações em casa do seu amigo Ribeiro da Costa, na R. de S.^{ta} Justa, n.º 45, 1.º, onde espera receber as suas estimaveis ordens. Tel. 2 1040

Leiria

será visitada em DOMINGO, 22 pelo X EXPRESSO POPULAR

Ida e Volta 25\$00
Bilhetes á venda na estação do Rossio

Esclarecimentos na estação do Rossio (Informações) e no do Serviço Tráfico da C. P.—Santa Apolónia—Telef. 24031.

Leiam amanhã o SEMPRE FIXE, jornal humorístico.

O rei e o pastor

Era uma vez um rei que pensava que o officio de reinar era só passar vida alegre e descuidada.

Descansava num ministro os cuidados penosos do governo do país.

Este ministro abusava da sua autoridade, não dava jámais conta de cousa alguma e todos os que o serviam seguiam o mesmo sistema, cuidando mais na sua felicidade do que no bem estar geral, do qual eram responsaveis.

As tropas mal pagas não cumpriam o seu dever, não havia ordem, nem economia, nem justiça naquella terra, o que levou o povo á revolta.

Era já tarde quando o rei compreendeu que não podia contar com a obediencia dos seus vassallos.

Nunca previra o mal que lhe sucedia e os seus conselheiros agora só lhe mostravam a desordem, sem ousar descobrir-lhe a causa e sem poder remediá-la.

Um dia, o rei, muito preocupado com o mal que queria remediar, passeava meditativo e triste.

No caminho, encontrou um pastor, que enforcava, numa arvore, o cão do seu rebanho.

—Que fez o pobre animal para o castigares com tão cruel morte?—preguntou-lhe o rei.

—O que fez? Traiu a minha confiança, meu senhor!—respondeu ele.—Ensinel-o, sustentei-o, para que livrasse as minhas ovelhas do lobo; vai ele entendeu-se com aqueles animais vorazes e ainda compartilhava da preza, que deixava os lobos roubar ao rebanho á sua guarda. Assim, pela perfidia do meu cão, fiquei sem uma data de ovelhas. Pense bem, meu senhor, das desgraças da multidão, são sempre culpados os que a guiam.

Estas palavras abriram os olhos ao ingenuo monarca.

Percebeu que nunca devia ter tido confiança no seu ministro, tão traidor como o cão do rebanho.

Da mesma maneira o fez condenar á morte afrontosa que o cão do pastor soffera.

Este exemplo intimidou todos os que tinham abusado da fraqueza e desmazelo do rei.

A ordem restabeleceu-se no país, porque o seu rei aprendeu com um pastor, como um monarca deve governar os homens.

O rei e a cigana

Esta anedota tambem se passa com um rei:

Sonhara este, de noite, com três ratos, um gordo, outro magro e outro cego.

Na manhã seguinte, mandou vir uma cigana para ella lhe explicar este sonho extraordinario.

—E' muito simples—disse-lhe ella. O rato gordo, é o vosso primeiro ministro; o rato magro é o vosso povo...

—E o rato cego—preguntou o rei, muito interessado.

—Sois vós, meu senhor.

Anedotas arranjadas por

VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

LIVROS POLICIAIS

Colecção de sensacionais romances, do celebre romancista Conan Doyle, de 80 a 100 paginas cada volume, em bom papel e capas illustradas a cores, ao preço de

2 \$ 5 0

Publicados os seguintes volumes:

- N.º 1 — O Rubio do Brilhante Azul
- N.º 2 — O Banheiro Assassinado
- N.º 3 — O Crime dum Jogador
- N.º 4 — Um Prego no Cráneo
- N.º 5 — A Filha do Ururário
- N.º 6 — A Prisioneira do Subterraneo
- N.º 7 — O Homem da Mão Decepada
- N.º 8 — 500.000 Francos Roubados

A venda nas livrarias, tabacarias e agentes da Provincia

Pedidos á Livraria Editora

Guimarães & C.^a

63, R. do Munde, 70 — LISBOA

UMA NOTA OFICIOSA

O sr. dr. Oliveira Salazar responde ao sr. dr. Afonso Costa

Duas escolas políticas

«O dr. Salazar... recusa-se a discutir objectivamente comigo por saber que não me calarei...»

«Ao fim de três anos capitulou. O que não obtivera a habilitação do jornalista conseguiu o odio contra a Ditadura Militar...»

As duas frases transcritas são—a primeira, do sr. dr. Afonso Costa, na entrevista concedida a um jornalista brasileiro e publicada no *Portugal Republicano*, do Brasil; a segunda, do jornalista entrevistador, e é extraída da nota preambular do livro por este pretenciosamente intitulado *A verdade sobre Salazar*, com a matéria da entrevista e alguns aditamentos.

Nº sabido que o sr. dr. Afonso Costa, como outros políticos inimigos, não suporta que eu não responda às suas acusações à ditadura nacional, e amigos dedicados da presente situação política parece não compreenderem bem a razão deste silêncio e perguntam a si próprios por que se não aceita a discussão, demais sendo corrente darem-se contas ao País do que se faz ou do que se intenta fazer. A resposta a essa curiosidade está dada acima: o jornalista proclama na capa do seu livro vir dizer sobre um homem publico a *verdade* e confessa tê-la arrancado ao odio do inimigo; o entrevistado, se eu discutir as suas afirmações, promete não se calar mais... O debate está assim encerrado, antes mesmo de se abrir; o que se segue é apenas para Portugal e para portugueses.

Ha algumas dezenas de anos usava-se muito nas escolas, para desenvolver a mobilidade mental e ajuizar da firmeza dos conhecimentos, um processo com algumas vantagens, mas de que o abuso é inconveniente. Tomava-se uma proposição por vezes irrefutável e clara como o sol; escolhiam-se dois alunos para ocuparem e defenderem as duas posições contrárias; ficava um sendo o arguente e outro o deficiente. Nascia e avivava-se a discussão, alinhando cada qual razões ou argumentos para sustentar o seu improvisado parecer. Para maior artifício alternavam-se mesmo as posições iniciais, acabando por defender a tese o que a tinha atacado. A falta de factos e razões sérias, que não podia ter por si o que se mandava estar do lado do erro, mostraria este o seu engenho em criar abstrações e architectar raciocínios com a menor violação possível das leis da lógica. O orgulho exacerbado fazia não raro continuar cá fora as discussões violentas, já parecendo algum dos contendores estar convencido da *verdade* emprestada para efeitos escolares.

Formaram-se assim numerosas gerações; formou assim o seu espirito o sr. dr. Afonso Costa; pelo que ficou para sempre amarrado ao seu método dedutivo, à sua argumentação abstracta, ao absolutismo de certas proposições, à incapacidade de observar os factos e de corrigir com eles uma ou outra das suas atitudes mentais. Como está fora do Governo do País, reputa-se conscienciosamente arguente nato da disputa política; sente-se obrigado a dizer que tudo é falso, errado, prejudicial, criminoso e os Governos que defendam o que ele por sistema cumpre o *dever* de atacar.

A educação intelectual não é ainda no nosso País, infelizmente, isenta de defeitos, mas já no meu tempo de estudante se começou substituindo o doutrinarismo teórico pelos factos da vida real, e se foram multiplicando nas aulas os textos, os quadros, os objectos, os mapas, as estatísticas, as experiências. A observação tomou o seu lugar, e se um amontoado de factos não é uma ciência, esta não se pode edificar sem eles, ainda que a filosofia seja sempre necessária à interpretação ultima das suas relações.

Inteligencias formadas neste espirito de positividade—e quem nos dera que fosse mais geral e vincado entre nós—não comprehendem o debate esteril, a discussão pela discussão. O que está averiguado está averiguado para todos; o que é falso é falso para toda a gente; a volta do duvidoso continua-se o estudo e a investigação. Não ha verdades de partidos nem verdades ou erros conforme a posição occupada.

A geração que assim pensa começa agora a mandar.

O espirito de discussão esteril encarnou-se no arguente e deficiente políticos e

veio da escola envenenar o partido. Muitos anos se passaram, primeiro em discussões academicas na Monarquia, depois em alterações violentas na Republica. A opposição tomou sobre si o papel de acudidor, conscia do *dever* de desbançar o Governo para se lhe substituir, e a sua função passou de fiscalizar a administração publica, para atacar rudemente os homens e as soluções. O grau de convicção acerca das acusações formuladas nada tinha que ver com a violencia da luta. O importante era desgastar ou demolir os adversarios—desgasta-los pelo excesso de esforço que se lhes impunha, na defesa do seu trabalho, demolli-los pelas arguições inais inverosímeis e menos comprovadas.

Um alto diplomata estrangeiro dizia certo dia a um dos nossos politicos partidarios: «Vejo pelo decorrer das sessões parlamentares que aos senhores lhes interessa mais criticar o passado que construir o futuro. Sessões sem numero se passaram na liquidção justa ou injusta dos ministros, na critica dos factos passados, no esmiuçar do spequenno escandaloso de gabinete, verdadeiros ou fantasiosos, em rememorar as soluções boas ou más, em todo o caso irreparáveis. E, entretanto, os grandes problemas difficilmente tinham quem os tratasse; e não tinham interesse as sessões em que se estudavam.

Como a opposição, porque opposição, não podia estar de accordo em coisa alguma com o Governo—a não ser em vagos votos de pezar—muitas vezes aconteceu fazer o ministro num dia o que na vespera criticara como deputado. O povo desorientava-se, e, cansado, encolhia os ombros: «tão bons são uns como os outros». E era falso: muitos eram piores que tudo; alguns melhores que os outros.

A tática destruidora havia fatalmente de perder a politica partidaria e o nosso parlamentarismo; e perdeu. O mesmo nos aconteceria a nós se, ao contrario, não fossemos dotados de sério espirito construtivo. Na politica e no Governo atizam-se muito os que empregam a maior parte do tempo a remexer o passado. Sobre o bem ou mal que está feito, é acima de tudo necessario resolver os problemas e construir o futuro. Eis porque não ha do nosso lado a furia da critica.

Foi-se mais longe. A luta encarnizada dos partidos levou homens, talvez sérios na sua vida privada, a lançar o amoralismo em politica. A falsidade deste conceito era transparente e foi desastrosa. Inventou-se a dualidade do politico e do homem, mas no ataque, o homem, a sua honra e a dos seus foram atingidos com requintes de perversidade, tanto maior quanto o adversario estava muitas vezes convencido da mentira da accusação. O ar tornou-se mefítico e muitos homens bons não o podiam respirar. E, tendo a lama que esparrinhava, salpicado a todos, tiveram de passar anos e anos sobre os actos ou a morte de homens publicos para se corrigir acerca deles o juizo geral e apparecerem aos olhos do País na justeza da sua personalidade.

Diante de homens com estes principios ou falta deles, a nossa posição está longe de ser sempre favoravel. Ao falar, em tempos, ás comissões da União Nacional, sobre a propaganda do Estado Novo, fiz precisamente notar que as exigencias éticas da nossa politica tinham o efeito de manietar-nos em certo sentido diante dum inimigo absolutamente livre na acção, porque ao accusar-nos se não sentia ligado, nem pela verdade, nem pela justiça. Mas nós, sim, em face dele. Ele pode ofender e insultar as pessoas, deturpar as intenções, contradizer os factos verificados, negar as coisas evidentes. Ora, a natureza e os collgos estabeleceram que quem nega não é obrigado a provar, mas sim quem afirma. E o pior é que, por vezes, seria preciso escrever um volume para rebater uma so frase idiota. Embora a verdade tem o seu brilho e a justiça o seu peso; sobre as contradicções do odio, uma e outra acabam sempre por alcançar a victoria.

A politica partidaria fez perder aos individuos o sentido nacional. A dinamica da luta politica, a paixão do poder pelo poder alteraram na consciencia dos homens o conceito de servir a Nação, através das instituições politicas. Se o partido não governa, e sobre o País que recar a ani-

madverção do seu ostracismo. Não é possível, nessas mentes apaixonadas, a distincção entre o que pode combater os homens sem amesquinhar as patrias, e o que pode deminuir estas de envolta com os seus governantes. Parece que todo o bem feito pelos outros os ofende, e lhes dá prazer o mal que a todos afflige. Alegria-os a catástrofe e enraivecem-se com o progresso, se lhes não é devido.

Pois bem. Nos podemos dizer sinceramente: tudo que é nacional é nosso. Feito por nós ou por outrem, é activo da nação que a nós nos importa defender e aumentar. Nada ganhamos em deminuir os nossos valores, nem em maldizer das nossas coisas, nem em encobrir a obra alheia. Fosse o sr. dr. Afonso Costa um grande valor nacional, e nós defenderíamos o seu nome de gloria; ainda que inimigo, como coisa muito querida ao nosso patriotismo...

Contra a discussão por habito, contra a critica por principio, contra o insulto por sistema, contra o partidismo por odio, a Ditadura tem affirmado e feito vingar outra escola politica, dominada no estudo e na acção por um sentido positivo, construtivo, ético e nacional. Conhecemo-nos por isto e se temos as vantagens, também sofremos as consequências da fidelidade aos nossos principios e aos nossos processos.

Assim: uma das coisas que o sr. dr. Afonso Costa não pode tolerar é o equilibrio dos organogramas e das contas desde 1928-1929 e a existencia dos importantes saldos apurados até ao presente. Para conseguir os seus fins politicos, fecha os olhos á evidencia das coisas, nega a verdade das contas publicas, esquece os seus conhecimentos de antigo professor universitario, finge desconhecer o que deve á sua antiga situação politica e ás responsabilidades da sua intelligencia, soma, subtrai, entordilha, confunde coisas que perfeitamente sabe, e reincede por fim nas suas falsissimas affirmações.

Tem-me acontecido a mim ter de me referir á obra do sr. dr. Afonso Costa e ao equilibrio das contas em 12-13 e em 13-14, que se lhe não deve só a ele mas ao engenheiro Vicente Ferreira. Nas minhas lições de Coimbra, no relatorio do meu primeiro organograma, para 28-29, na entrevista publicada em *O Seculo* em 13 de dezembro de 1928 sobre a *situação cambial*, na Exposição documentaria do Parque Eduardo VII para a qual os numeros relativos ás finanças publicas foram preparados desde 1910, reconheci sempre os factos favoraveis daquelas administrações, e não só os reconheci como me regosiei com eles—portuguesamente. Estou dentro dos meus principios, como o inimigo, negando cegamente a obra da Ditadura, está dentro dos seus. Duas escolas politicas irreductiveis: discussões para quê?

O sr. dr. Afonso Costa o diz: o dr. Salazar recusa-se a discutir objectivamente comigo por saber que não me calarei. E não; não se calaria continuando a afirmar sempre a mesma coisa, depois de cem mil vezes refutada. E fá-lo-ia tranquilamente com o seu sorriso característico—*a antecipação de uma perversidade*—como o define no seu livro o jornalista entrevistador. Senão façamos a experiencia: vou tirar, ao acaso, da entrevista do sr. dr. Afonso Costa três affirmações, duas de politica interna e uma de politica internacional, que possam ser rebatidas documentalente, e não exijam cópia de raciocínios difficeis: sim, sim; não, não.

II

Uma entrevista e a censura

«Na entrevista que o ditador não deixou publicar no *Primeiro de Janeiro* do Porto...»

«...mas eu acabo de ser impedido pela Ditadura de publicar no jornal português *O Primeiro de Janeiro* uma entrevista que me pediu o seu distincto correspondente em Paris...»

Referem-se as frases transcritas á entrevista destinada ao *Primeiro de Janeiro* em Agosto de 1933 e que se diz *pedida* pelo correspondente do jornal em Paris. Tenho o original na minha mão e começa assim:

Semana parisiense

Dr. Afonso Costa—Como obtive-

vemos uma entrevista que não foi pedida e muito menos desejada.

A frase sublinhada foi riscada por traço a tinta antes de ser enviada á Censura... Tenho a entrevista; e tenho o original da nota enviada pela Censura do Porto á Direcção Geral respectiva e cuja primeira parte é textualmente a seguinte:

Primeiro de Janeiro de 24-6-33— Entrevista do correspondente do *Primeiro de Janeiro* em Paris, com o dr. Afonso Costa:

Como esclarecimento interessante, comunico a V. Ex.^a que me foi pedido ha dias pelo *Primeiro de Janeiro* um tratamento especial para este artigo—o de eu cortar o artigo, sem que me fosse enviado duplicado e triplicado—por na opinião daquele jornal o artigo ser de tal constituição que só poderia ser prejudicial á causa dos politicos antigos; mas não querendo eu não convindo o jornal fazer censura por conta propria, em virtude de estar a ser asediado pelos correccionarios para a sua publicação nem tão pouco que fosse divulgado nas esferas officiais e na propria tipografia o conteúdo da entrevista assim me pedia esse favor.

A entrevista foi depois divulgada por jornais do Brasil. A dizer a verdade, ao Governo convinha até a sua publicação em Portugal. O sr. dr. Afonso Costa polvinha sempre as suas declarações de algumas grossas inconveniencias politicas que, não sendo pedidas, podem ser aproveitadas. Na do ano passado, além do mais, lá se revoltava contra a reorganização da marinha de guerra e metia a ridiculo as obras dos portos e as restantes obras publicas realizadas em Portugal. Mas a Censura entendeu não haver motivos para não anuir aos desejos do jornal e tomou sobre si a responsabilidade do que aquele em qualquer caso faria—não a publicar, por ser «prejudicial á causa dos politicos antigos». Ora, quando escreveu as frases da ultima entrevista, já o sr. dr. Afonso Costa não ignorava o que se passara com a primeira, porque eu proprio lho fiz saber.

III

A gerencia de Sinel de Cordes

Salazar provocou primeiro por mão de outrem mas sob a sua permanente inspiração. O aumento imoderado das despesas e a chamada politica de financiamento...

Quando escreveu estas linhas sabia muito bem o sr. dr. Afonso Costa que não traduziam a verdade. Muita gente mudou de opinião acerca da politica do general Cordes, uns antes outros depois da sua morte: a minha opinião, porém, foi sempre a mesma e publicada quer durante a sua gerencia quer depois, mas sempre em vida sua. Esta bem clara.

—na apreciação das contas de 1926-1927, publicada no jornal *«As Novidades»*, de 30 de novembro e 1, 4, 6, 10, 17 e 21 de dezembro de 1927;

—no artigo publicado no mesmo jornal, em 3 de janeiro de 1928 sobre o empréstimo externo;

—na nota officiosa de 25 de outubro de 1929;

—no decreto n.º 15.465, o primeiro da minha responsabilidade, em materia de reorganização financeira, e em que uma secção especial sobre financiamentos os profre expressamente e procura garantir os que haviam sido feitos.

Ignorancia? esquecimento? confusão? Agora, um ponto mais delicado:

IV

Genebra e o empréstimo externo

Em 1927 e 1928 a Ditadura, tendo esgotado todas as disponibilidades do Tesouro, procurou ansiosa e temporaneamente contrair um empréstimo externo de £ 12.000.000 em Paris, em Amsterdam, em Londres, etc., e até por fim, sob os auspícios da Sociedade das Nações, collocando assim Portugal na lista dos países que mereciam uma tutela financeira estrangeira. Eu e todos os de-

(Ver continuação na pagina seguinte)

A ARGENTINA AMEAÇADA

por grandes inundações

MENDOZA, (Argentina), junho.—Segundo um relatório recente do engenheiro Raychard, grandes torrentes se precipitarão das cadeias de montanhas dos Andes, em 1941, as quais inundarão as vastas planuras de Mendoza.

Em 1948, uma nova inundação fará estravar o rio Mendoza. Os suportes de aço e os arcos de cimento aluirão no embate furioso das águas diluvianas, que farão desaparecer, em um momento, todos os trabalhos dos caminhos de ferro. Os laboriosos traçados de plantações de vinhedos dos vales e pendores das montanhas, serão devastados, assim como os depósitos sedimentares que contam com milhões de anos. Estas inundações repetir-se-ão de sete em sete anos, a não ser que imensos diques hidráulicos sejam construídos, para deter o ímpeto das águas que se despenham das cordilheiras. O engenheiro Raychard estudou, cuidadosamente, durante dois meses, o rio Mendoza, seguindo a cheia, em janeiro, quando causou prejuízos na importância de 10 milhões de pesos, e 40.000 libras esterlinas nos caminhos de ferro dos Andes e nas comunicações entre a Argentina e o Chile. Pesados nevoes também interromperam todas as comunicações terrestres, permitindo apenas, longos rodeios pelo sul. Raychard descobriu que muitos bilhões de toneladas de barro, de mistura com areia, ficaram sepultados debaixo da neve e das geleiras. A lenta fusão das geleiras empilha toneladas de barro debaixo de uma camada de areia. A crescente pressão do barro escava a camada de areia e o barro é compelido para o rio.

Devido à sua composição calcárea, o barro endurece como cimento. A contínua penetração do barro no leito do rio eleva uma muralha, que expellirá bilhões de galões de água. A crescente pressão de água arrazará, finalmente, a muralha e a torrente espalhar-se-á pelo vale destruindo tudo no seu caminho. Na cheia de janeiro, segundo os cálculos do engenheiro Raychard, a enorme muralha de lodo e barro atingiu a sua maior altura. Em novembro a rápida secagem e o endurecimento do barro lodoso resistiram à crescente pressão da água do lago Lanquen até ao nível do lago subir 100 metros acima do normal. Quando o dique deslocou dois milhões cúbicos de jardas de água, o rio Mendoza extravasou de uma maneira irresistível. Outras cheias, embora mais pequenas, têm sido presenciadas em Humahuaca, onde os pilares da ponte do caminho de ferro foram arrazados cinco vezes, de há 12 anos a esta parte.

Uma investigação feita em 1931 pelos geólogos Pastore e Groober, veio comprovar as declarações do engenheiro Raychard. Na opinião deste, o barro deve ter sido depositado na cordilheira dos Andes, no quarto período geológico. É provável que metade da América do Sul estivesse então debaixo de água, e que a possante montanha de Aconcagua alteando-se agora a 22.834 pés acima do nível do mar, fosse então uma pequena ilha no meio do mar. Raychard sugeriu a construção de imensos diques ao longo da margem do rio Mendoza como meio para evitar as torrentes dos Andes, que segundo a sua opinião se virão a dar de sete em sete anos. Alternativamente estabelecer-se-ia uma rigorosa inspecção, que continuamente vigiaria a formação dos diques de barro lodoso, pronta a intervir, dinamitando-os, no caso de se tornarem perigosos.—(United Press).

O concurso musical da Tobis

Reune-se amanhã no São Luiz, pelas 18 horas, o júri que ha-de escolher as composições musicais destinadas ao novo filme da Tobis, «As Pupilas do sr. Reitor». Como se sabe o concurso diz respeito a duas composições musicais: um «Vira» e a canção da «Cabreira» uma das mais belas criações poéticas, da obra de Julio Diniz. Consta-nos que concorrerão mais duma centena de maestros, tanto profissionais como amadores.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Uma nota officiosa da Presidencia do Conselho

(Continuação da pagina anterior)

mais chefes republicanos, sem excepção, interviemos então para informar os possíveis prestamistas de que, tendo sido o Parlamento dissolvido, esse empréstimo era absolutamente inconstitucional, nos termos do artigo 26.º, n.º 4.º da nossa Constituição de 1911, e que por isso ele nunca seria reconhecido como legítimo nem pago pela Nação. E essa ruíosa operação não se fez.

O sr. dr. Afonso Costa e alguns pobres homens que teimam em fazer a sua politica em Portugal ficaram sempre com a ideia de que a sua declaração apresentada aos representantes estrangeiros em Lisboa é que tinha feito sob o pretexto das negociações do empréstimo e que sobretudo os papelinhos metidos por debaixo das portas, nos hotéis de Genebra, por alguns belos espiritos obcecados, que levaram a Sociedade das Nações a recusar-nos o seu patrocínio. Essa lenda esquece a maneira como o general Ivens Ferraz pôs a questão em março de 1928 e ignora totalmente como eu a pus em 6 de junho do mesmo ano, mas, a ser verdadeira, daria aos inimigos um simulacro de importância internacional.

Muito excepcionalmente, e porque é preciso acabar com a especulação à volta deste caso, se desenterra dos arquivos do Ministério dos Negocios Estrangeiros a formosa pagina de historia que vai ler-se, que é o relatório do nosso actual ministro em Bruxelas e então ministro na Suíça, dr. Alberto de Oliveira, sobre As Finanças Portuguesas e a S. D. N.

Na primavera de 1928 fui inesperadamente transferido de Bruxelas para a Suíça, e só a muito custo obtive do digno predecessor de v. ex.ª, dr. Bettencourt Rodrigues, que essa transferencia tivesse caracter temporario.

2. Era proposito do Governo da Republica, como em Lisboa vim depois a saber, confiar-me oportunamente o prosseguimento das negociações para o empréstimo solicitado á Sociedade das Nações, as quais haviam sido interrompidas pelo falecido general Ivens Ferraz, em face de exigencias incompatíveis com o brio nacional e a nossa autonomia financeira.

3. Contava-se, bem entendido, que o «comité» financeiro, melhor informado das justas razões da nossa irredutibilidade, e desejoso como estava de levar a bom termo a operação do empréstimo, acabasse por nos propor condições aceitáveis.

4. Mas no mesmo dia em que eu tomava na Pampilhosa o comboio que me reconduzia á Belgica, assumia a direcção da pasta das Finanças o Ex.º dr. Oliveira Salazar.

5. E quando, semanas depois, entreguei em Genebra, a Sir Eric Drummond, as credenciais que me acreditavam, em missão especial, junto da S. D. N., o primeiro telegrama oficial que recebi de Lisboa ordenava-me formalmente que desistisse por terminadas as negociações para o empréstimo e que assim o comunicasse sem demora ao Conselho da S. D. N. e ao respectivo «comité» financeiro.

6. Fui logo ao Secretariado transmitir ao director da secção economica e financeira, Sir Arthur Salter, as instruções que recebera e combinar com ele o melhor modo de as tornar effectivas.

O meu interlocutor não ocultou a sua surpresa e exprimiu o parecer de que, estando já as negociações suspensas, não havia vantagem em dar qualquer passo para as romper categoricamente. Pediu-me, no entanto, algumas horas de reflexão e concordou em que eu me avistasse, entretanto, com o «comité» financeiro.

7. Com esse conferencial longamente, no Hotel des Bergues, em encontro nocturno, que se prolongou até altas horas. Encontrei em todos os seus membros a mesma estranheza de que quisésemos, sem razão visível, transformar em conclusão final a anterior suspensão de negociações, que praticamente lhe era equivalente mas que não fechava a porta a qualquer modificação de circunstancias ou sugestão de nova formula que pudessem convir-nos.

8. O mais oposto á nossa attitude foi Sir Otto Niemeyer. Esse até viu, no notificação formal de que eu fora incumbido, possíveis riscos para o nosso crédito. Chegou a mencionar a eventualidade duma depressão do nosso cambio em Londres. E, alargando a conversa, e em face das minhas ponderações sobre as deprimentes condições de fiscalização que nos haviam sido exigidas

para o empréstimo, declarou não compreender a mentalidade portuguesa. Que ninguém pensara em «controlar», nem era «controlar» a presença de um simples «observador» em Lisboa, sem outros poderes que não fossem informativos. Que era natural que o «comité» financeiro, como fiador que lá se, quizesse ter em Portugal um agente proprio encarregado de o pôr ao facto da nossa vida financeira. Que não compreendia, dadas as nossas susceptibilidades, como consentiramos em assinar as multiplicas convenções votadas em Genebra pelas Conferencias do Trabalho e que essas sim—e aqui tinha alguma razão—instituem um verdadeiro «controlar» internacional sobre a legislação economica de cada pais e o modo como ela se executa.

9. Tive de lhe responder, além de muitas outras coisas que era mais facil adaptar-se ele á mentalidade portuguesa do que transformarmos nós a nossa mentalidade para a adaptarmos á de Sir Otto Niemeyer.

10. Mas compreendi bem em primeiro lugar, que o «comité» financeiro, vendo pela primeira vez malogradas negociações por ele empreendidas publicamente e activamente, tinha grande empenho em encobrir esse malogro e em poder sempre deixar supor que se tratava duma simples interrupção sem caracter definitivo.

12. E entendi que não devia dar seguimento ás instruções recebidas sem antes comunicar ao governo das apreensões que me haviam sido tão claramente manifestadas sobre os inconvenientes de as cumprir.

13. A resposta do dr. Salazar, transmitida por esse Ministerio, não se fez esperar e teve aquela nitidez e vigor que hoje já todos sabemos que são normas de seu espirito e até d seu estilo. Confirmava-me a ordem de pôr termo ás negociações e de dirigir nota formal ao Conselho da S. D. N. nesse sentido.

14. E eu assim fiz, sem mais consultas, e quando levei o texto da minha nota a Sir Arthur Salter, este observou-me: «Pensei muito no assunto e cheguei á conclusão de que o seu Governo é que sabe, melhor que nós, o que mais lhe convem, e que não ha motivo algum para que procuremos intervir na sua decisão». Era escrupulosa a consciencia deste simpatico subdito de S. M. Britanica, que tive posteriormente outras oportunidades de apreciar.

15. Mas o desapontamento causado, no seio da S. D. N. e do seu «comité» financeiro, pela alia polida e correctissima nota portuguesa em tudo se verificou. Nem lhe foi dada publicidade—tive eu de fazê-lo—nem o seu conteúdo appareceu senão em brevissima referencia no mais proximo relatório á Assembleia, vindo-me eu obrigado a reclamar a sua transcrição integral no mais breve prazo que foi possível.

16. Mas num ponto se enganou por completo Sir Otto Niemeyer: o nosso cambio e fundos, em vez de piorarem, como ele receava, melhoraram dentro de 24 horas na bolsa de Londres.

17. E hoje, á luz dos factos, só podemos admirar e louvar o acerto do Governo da Republica, que tão depressa transformou um «suspeito de falencia num Pais de alto e já indiscutido credito».

Nem rasto se encontra de tal declaração dos chefes republicanos, que aliás sabemos ter produzido nos destinatarios pessima impressão. As posições tomadas foram de pura iniciativa dos Governos da Ditadura, e quanto á honra da Nação ela tem sido defendida, mais que pela recusa do empréstimo—pela sua desnecessidade.

* * *
Notou-se bem? Três afirmações; pelo menos seis falsidades. E em tudo mais é assim.
16-7-1934.

OLIVEIRA SALAZAR

Companhia Carris de Ferro de Lisboa Cimento

Esta Companhia recebe propostas, em carta fechada, nos seus escritorios, em Santo Amaro, até ao dia 20 do corrente, inclusiv, para o fornecimento de 500 barricas de cimento.

Nas propostas deverá vir mencionada a marca, suas caracteristicas e preço por barrica, posta nos seus armazens de Santo Amaro.

O prazo do fornecimento é de 30 dias, devendo fazer-se a entrega immediata de 200 barricas.

Lisboa, 14 de Julho de 1934.

A Direcção.

UMA CONFERENCIA COMERCIAL

das colonias francesas

WASHINGTON, julho.—A preparação de uma Conferencia Commercial das Colonias Francesas semelhante á reunião britanica de Ottawa despertou enorme interesse nos meios dos Estados Unidos. Crê-se aqui, que a França pretende impulsar o commercio das suas colonias, a instancia das mesmas, que querem vender uma maior quantidade de alimentos e materias primas á França. Como os Estados Unidos importam grande quantidade de materias primas á França, a situação que pode criar a Conferencia Commercial de Colonias Francesas, que se celebrará, possivelmente, no proximo outono, em Paris, interessa muito o governo e a industria dos Estados Unidos.

A França importa das suas colonias cereais, café, peles, algodão, tabaco, frutas e minerais, em maior ou menor proporção. Como este mesmo tipo de mercadorias se produz noutros países americanos, espera-se que estes sigam também o desenvolvimento da Conferencia de Paris, com o mesmo interesse.

O governo dos Estados Unidos está fazendo um estudo comprehensivo do commercio colonial francês, das mercadorias transaccionadas, das proporções da importação das colonias comparadas com as outras importações da França, etc.

Embora, pelos dados que presentemente se têm, pareça que não se produzirão grandes alterações immediatamente, existe, todavia, a possibilidade de que a França conceda preferencias ás materias primas das suas colonias. A França importa, actualmente, das suas colonias treze por cento das materias primas que adquire.

A Argelia fornece-lhe cereais, animais, tabaco e frutas. Madagascar proporciona-lhe carne fresca e conserva. A Africa Ocidental Francesa, algodão, azeites vegetais, sementes oleaginosas, frutas e cacau, e, finalmente, a Indochina, cauchú, cereais e arroz, e Tunis, cereais e fosfatos.

Segundo se crê, nos meios industriais de Washington será necessario o emprego de maior capital, assim como o estabelecimento de um tratado especial de importação para estimular o aumento da produção destes productos. Como é natural, os Estados Unidos observarão com a maior atenção até que ponto está a França disposta a levar para diante esta politica. Os produtores de algodão dos Estados Unidos estão particularmente interessados nas possibilidades que indiquem um aumento de produção na Africa.—(United Press).

O presidente eleito da Colombia

mudou os seus metodos de vida

BOGOTÁ, julho.—Afonso Lopez, que ocupará a presidencia da Colombia no proximo dia 7 de agosto, vive agora que é presidente eleito, a mesma vida que quando era um cidadão particular. Percorre quasi sempre só as ruas centricas, visita as redacções dos diferentes jornais, continua a trabalhar no gabinete da Companhia Electrica de Bogotá, da qual é gerente, e leva uma vida social muito intensa. Continua habitando a mesma casa onde viveu nos ultimos anos. Ali recebe numerosas visitas de politicos e amigos e trabalha intensamente na preparação do seu governo. O futuro presidente da Colombia responde pessoalmente á sua volumosa correspondencia, que recebe de todo o pais e do estrangeiro. Além disso o sr. Afonso Lopez desempenha com toda a pontualidade o cargo de professor de Economia Politica da Universidade Nacional de Direito. Desde o primeiro momento, as suas preleções foram concorridas não só por alunos matriculados, mas também por jovens de todos os cursos e até por advogados graduados. As conferencias do presidente eleito sobre pontos gerais de Economia Politica têm sido publicadas em diarios de todo o país. Os alunos consideram-no um professor puntual e meticoloso e ouvem atentamente as suas lições sobre pontos teoricos, que desde o dia 7 de agosto terá de desenvolver na pratica.—(United Press).

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

LUCINDA REIS

Chapeus os mais lindos modelos
Tratamentos de beleza completos
PREÇOS BARATOS
Rua Augusta, 138, 1.º
(Escada da Pompadour)

Chá das cinco**Perdoar**

A sr.ª D. Tírsia de Magalhães, pessoa de idade muito avançada, que vivia com umas criadas, na sua casa da rua da Saudade vinha ha algum tempo sendo roubada pelas suas servitoras que por suas más acções foram parar ao Tórel.

Até aqui a noticia é banal. Mas o que não é banal é o seu desfecho:

«Afinal, esta senhora, no seu testamento, contemplava, generosamente as criadas. Estas é que supunham o contrario, e deram em roubar tudo quanto apanhavam á mão. A sr.ª D. Tírsia de Magalhães, mesmo depois de ter sido roubada, está na disposição de não excluir as criadas do seu testamento».

E' difficil encontrar outra pessoa dotada de sentimentos tão cristãos. Ser-se roubado por alguém que tem a nossa confiança e a nossa protecção, é um crime que revolta. Foi o que aconteceu á senhora D. Tírsia de Magalhães — e isso a levou a queixar-se á Policia.

Mas, sem que as criadas suspeitassem, D. Tírsia reconhecia os serviços que lhes devia, e entendia que era justo recompensá-las.

Descoberta a falta, a velha senhora castigou-a; mas como o delicto não destruiu os serviços que ela queria premiar, manteve a sua decisão de as contemplar no seu testamento.

Este caso evoca o que Vitor Hugo nos conta no seu «93», acerca do marquês de Lantenac — que segundos depois de condecorar um marinheiro, pela sua bravura, o mandou fusilar por uma negligencia desastrosa.

Mas, não será mais explicavel esta attitude de D. Tírsia pelo seu espirito cristão — que a leva a perdoar as ofensas e a premiar o trabalho — do que pela distincção fria que ela, faça dos conceitos de servir e de pecar?

FELIX CORREIA

A GARRETT
às 5 — chá concerto**Sindicato Nacional dos Artistas Teatraes**

A comissão instaladora do Sindicato Nacional dos Artistas Teatraes Portugueses, desejando organizar o cadastro de todos os artistas desempregados, convida-os a inscreverem-se na sua sede provisoria, rua da Madalena, 171, 1.º, das 13 ás 17 horas, até ao dia 31 do corrente, data do encerramento da mesma.

Os artistas que o não fizerem dentro do prazo marcado, perdem o direito á inscrição e a reclamarem depois dessa data.

A inscrição é feita mediante a apresentação da licença de artista dramático.

Sonegação de um espólio

Constantino Rodrigues Bogarin, rua dos Cavaleiros, 12, queixou-se á Policia de Investigação contra uma mulher que se recusa a entregar-lhe roupas, uma mobilia de quarto e varios papéis de credito pertencentes a seu irmão baptista Rodrigues Bogarin, criado de bordo do vapor «Colonial», que ha tempos faleceu em Luanda. O agente Puelles foi encarregado das investigações.

«CONCHITA ULIA»

D. Margarita Brandão, «Conchita Ulia», da hoje, pela Emissora Nacional, um recital das suas melhores canções: «Qui j'aime», «A Saudade», «Te quero», «Doña Mariquita», «Garde moi cheri» e «Amé-le tant». No programa desta noite far-se-ão também ouvir a pianista D. Bela Ferreira e o violinista Luiz Barbosa.

A Cidade

NO THEATRO DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

A ESTREIA

da «Viagem maravilhosa»

foi um admiravel espectáculo

em que se destacou a variada colaboração dos negros

Uma coincidência feliz permitiu que assistissemos á estreia da «Viagem Maravilhosa», a fantasia colonial de Pereira Coelho, Matos Sequeira e Hugo Rocha, com que a companhia organizada pela actriz Amelia Rey Colaço inaugurou ante-ontem o teatro Gil Vicente, da Exposição Colonial do Porto.

Não vamos fazer a critica da peça, que ficaria aqui um pouco deslocada, mas dar simplesmente aos leitores do «Diário de Lisboa» curiosos de coisas teatraes uma impressão do espectáculo, que reputamos inteiramente novo em Portugal e uma autentica maravilha de bom gosto, em que Amelia Rey Colaço pôs á prova, mais uma vez, a sua maravilhosa intuição, a sua intelligencia e os seus profundos conhecimentos teatraes.

Custa a crer como é possível movimentar num palco tão diminuto, como é o do teatro Gil Vicente, e dispor nos bastidores as grandes massas de figuração indigena que tomam parte no espectáculo, sem prejudicar o movimento de entradas e saídas, sem alterar o ritmo da representação e sem complicar a mutação continua de cenários que os dezasseis quadros da peça exigem.

Devemos dizer também que, se em vez de se exhibir numa cena de tão pequenas dimensões, «Viagem Maravilhosa» se desenrolasse num palco apropriado, onde o espaço e a maquinaria permitissem voos mais largos, dando ensejo a que se pudessem tirar todo o partido desse colaborador indispensavel dos espectáculos de fantasia que é a luz, a representação a que ante-ontem assistimos não ficaria nada a dever aos grandes espectáculos de «music-hall», tendo sobre eles a vantagem duma colaboração inédita e difficil de conseguir noutras condições que não fossem aquelas em que esta peça se montou.

Não temos noticia de «revue-nègre» que apresentasse um conjunto de elementos indigenas tão variado, tão pitoresco, tão colorido, tão empolgante como aquele que colabora na «Viagem Maravilhosa». Se o batucque de guerra exibido pelos soldados landins, em seus trajes vistosos, cabeças emplumadas e pernas agéis, empunhando armas gentílicas e entoando cantos guerreiros, se exhibisse num grande palco parisiense, não temos duvida em afirmar que alcançaria um exito inigualavel, arrancando a uma plateia intelligente e avida de beleza uma ovação de apoteose.

Embora tenha muitas outras virtudes a recomendar-lá, o aspecto característico e dominante da peça é, sem duvida, a colaboração indigena. Não são, apenas os landins. É uma dança movimentada de balantas, de ritmo impecavel e original. É a apresentação de um grupo de musicos caboverdeanos, numa das suas mornas caracteristicas. É uma exhibição coreografica enfiada e alarde dos bijagöz, em que toma parte uma bailarina negra de curvas harmoniosas e de passinhos ritmicos. É uma «cega-rega» apropriada, tanto pela letra como pela musica, e desempenhada com graça ingenua pelos educandos das missões catolicas de Caconda. É toda a riqueza, todo o colorido e todo o pitoresco do nosso «folclore» colonial que desfilam diante dos olhos maravilhados e surpreendidos do publico, que não lhe regateou aplausos. Peça de exaltação, que não lhe preenche inteiramente o objectivo que tem em vista. Condicionada dentro deste «espartilho», e com os recursos de que dispunha, seria difficil fazer melhor, e representa incontestavelmente um grande triunfo para os autores, para Amelia Rey Colaço e para os seus artistas, para os maestros, para os cenografos e para os figurinistas.

A experiência consagrada, ao sentido apurado e intelligente das coisas teatraes e ao espirito

agil e brilhante de Pereira Coelho, juntou-se a sensibilidade poetica de Matos Sequeira, a sua fantasia de asas audaciosas e a sua cultura estetica, Hugo Rocha, jornalista de brilhantes qualidades e poeta de ritmos harmoniosos, que foi entre nós um dos primeiros a traduzir, em versos duma grande beleza, as impressões fortes de Africa, deu também, embora em menor escala, a sua colaboração á peça.

«Viagem Maravilhosa» é uma série de quadros que levam a imaginação encantada do espectador através de um itinerario de fantasia, em que passam diante dos nossos olhos aspectos ora pitorescos, ora patrióticos, ora engraçados, ora evocativos dos nossos feitos coloniais. Os quadros sucedem-se, num belo movimento que cresce de interesse e de intensidade, até terminar em guisa de apoteose (1.º acto), nesse prodigio de beleza ritmica que é o batucque de guerra dos landins.

Toda a decoração da peça, a que Amelia Rey Colaço presidiu, é cheia de modernismo e de apurado bom gosto. Outro tanto se pode dizer do guarda-roupa, elegante e vistoso, em que intervieram o sentido estético e a compreensão intelligente da moderna arte do figurino que distinguem Antonio Amorim e Harold. O final do 2.º acto, de apoteose ao imperio colonial, é duma harmonia perfeita de tons e forma um conjunto admiravel, apesar de parado.

Os autores da musica foram também preciosos colaboradores da peça. Armando Rodrigues tem alguns numeros de ritmos orientais, que são duma grande beleza musical e que o consagram definitivamente como compositor. Raul Ferrão compôs, além de outros numeros em que se revela a sua inspiração, um dueto cantado por Amarante e Raul de Carvalho, de recorte popular, que é um mimo de graça, de leveza e de intuição ritmica. Julio Almada tem também excelente musica, alguma de sentido heroico, apropriada a diversas situações da peça.

O desempenho, dum modo geral, agradou-nos. Não nos podemos demorar a pôr em relevo com muita minucia tudo quanto tem de bom, mas não queremos deixar de nos referir á parte primordial que nele tomaram Amelia Rey Colaço, atriz de uma grande vibração, que imprime sempre ás suas interpretações um sentido moderno; Estevão Amarante, actor de admiráveis recursos, cuja colaboração não se devia ter limitado ao que disse em cena, pois auxiliou decerto a encenação com os seus conselhos proveitosos, e Vanise Meirelles, que interveio na peça como uma autentica flor dos tropicos, de linhas graciosas e de movimentos desvoltois.

Vem depois a revelação de Maria Lalanda, que não se sabe onde foi buscar o fiozinho de voz agradável com que sublinha graciosamente todos os seus numeros. Maria Clementina foi talvez demasiadamente aproveitada como figura decorativa, quando é certo que dispõe de notáveis recursos de declamadora. Alguns recitativos podiam ser ditos por ela com vantagem.

Raul de Carvalho desempenha com boa compreensão alguns numeros adequados ao seu feitiço. Villaret e Benamer interveem também com acerto. Algumas figuras secundarias e dois grupos muito graciosos, um de bailarinas chefiado por Mme. Ruth Aswin e outro de «girls», completam o excelente conjunto, que nos deixou uma impressão agradável.

N. L.

Governador Civil do Funchal

Partiu hoje para a Madeira a bordo do «Alameda Star», o sr. governador civil do Funchal. Foram despedir-se do sr. dr. Caldeira Coelho numerosas individualidades, entre as quais, o sr. ministro do Interior.

Vai para fóra?

Instale-se no Hotel das Aguas em Castelo de Vide
CONFORTO — ECONOMIA — HIGIENE

Beba sempre, ás refeições, Agua de Castelo de Vide, recomendada pelos melhores medicos

Escritorio: R. do Alecrim, 85-89 — Tel. 2 7355

DOENÇAS NERVOSAS

Avenida da Liberdade n.º 12

Duches, banhos carbo-gasosos e de vapor Electricidade, Diatermia, R. U. Violetas e I. Vermeilhos, etc.

DESPORTES**Atletismo internacional**

O atletismo é um desporto admiravel, com um numero elevado de adeptos.

Em Portugal, o atletismo ainda não atingiu o desenvolvimento que seria para desejar: no entanto, conta um grande numero de praticantes, alguns de boa classe.

A Associação de Atletismo de Lisboa, demonstrando uma boa compreensão dos seus deveres, resolveu organizar o «I Porto-Lisboa-Barcelona». Teremos, assim, ocasião de apreciar os melhores atletas portugueses, quer do sul, quer do norte, em competição com os catalães, acostumados a praticas internacionais.

Esta luta deve ser util para o atletismo nacional, que nela colherá ensinamentos, desfazendo duvidas e incertezas de natureza tecnica.

O comité Olimpico Português tomou para si, muito intelligentemente o patrocínio desta prova internacional.

Pelo seu lado, a Associação de Atletismo tem estudado a organização do torneio que se realiza no proximo sabado e domingo, no Estadio do Lumiar.

Esta semana servirá para os ultimos treinos dos atletas portugueses.

Como nota final, damos a seguir a constituição da «equipe» catalã, que tem nomes conhecidos.

100 metros—Arevalo e Aracil; 200 metros—Arevalo e Aracil; 400 metros—Martin e Roca; 800 metros—Pijferer e Angel; 5.000 metros—Mur e Angel; 110 metros barreiras—Consegal e Roca; 4x100 Arevalo, Aracil, Roca e Picard; 4x400—Roca, Vives, Tuques II e Arevalo; altura—Cardus e Consegal; comprimento—Altafulla e Roca; triplo—Consegal e Altafulla; peso—Picard e Tuques II; disco—Tuques I e Garcia Tuñon.

T. S.

★ ★ ★

Ficou, ontem, definitivamente constituída a «equipe» portuguesa que ha-de defrechar o fortissimo nucleo catalão.

Foram seleccionados os seguintes atletas: 100 metros—Sarsfield e Porto, suplente, Prata de Lima (todos do Porto).

200 metros—Sarsfield e Porto, suplente Cunha Rosa (de Lisboa).

400 metros—Mareu (Porto) e Silveira (Lisboa).

800 metros—Gonçalves e Anibal, suplente Stucky (Lisboa).

1.500 metros—Anibal de Matos, suplente, Albertino de Almeida, (Lisboa).

5.000 metros—Adelino Tavares e Manuel Dias (Lisboa).

110 metros barreiras—Pelhares Costa (Porto) e Martins Vieira, suplente Vasconcelos (Lisboa).

4x100—Sarsfield, Porto, J. Prata de Lima, Cunha Rosa e Prata de Lima.

4x400—Mourinha, Silveira, Domingos Pinto (Lisboa) e Maran (Porto), suplente Gonçalves (Lisboa).

Altura—Costa Macedo e Luiz Aguiar, suplente, Arouca (Lisboa).

Comprimento—José Prata de Lima (Porto) e Carlos Santos (Lisboa).

Triplo salto—Vasconcelos e Melo (Lisboa) suplente Mario Porto (Porto).

Peso—José Garmel, Morgado (Lisboa) e Herculano Mendes (Porto), suplente Morgado (Lisboa).

A «equipe» de 4x100 metros está, em principio, constituída por Sarsfield, Mario Porto, José Prata de Lima e Fernando Prata de Lima, «sprinters» do norte.

Cunha Rosa figura como suplente.

Pela primeira vez se disputara em Portugal um encontro internacional de atletismo com a seguinte pontuação: 4-3-2-1 correspondendo respectivamente ao 1.º, 2.º, 3.º e 4.º.

★ ★ ★

Realizou-se ha dias, no Porto, no Estadio do Lumiar, julgamos que pela primeira vez, em Portugal, um desafio de foot-bal. nocturno. O resultado pode dizer-se satisfatorio pois a receita atingiu cerca de 17 contos. Desportivamente, ainda o desafio foi interessante, pois o F. C. do Porto realizou uma exhibição, que se pode classificar, sem favor, de muito boa. Neste desafio, o F. C. P. defrontou uma selecção organizada precipitadamente.

Encontra
mente a
seus can
tonsM
C
N
C
L
poisM
C
N
C
Ltem 18
lurais
colha,
Preto
ro e V.
sua
casa
auxilio
guem,
cabeças
pode en
nutos,
com lã
sofros
lha m
ningue
que foiCA
30Vende
estabel
Stock
côres
maria
ro, GodRep
M. 4
Rua Ca
Tele
Depositu
FARY
Rua di

Hotel Miramar
MONTE ESTORIL
Hotel Costa. Cintra

A Cidade

A'S SENHORAS
Tinham os seus vestidos com
as afamadas tintas
ARTI

DE LUTO

O funeral

realizado hoje

da sr.^a D. Erna Alves de San Payo

O falecimento da sr.^a D. Erna Alves de San Payo, esposa do grande artista da fotografia que é Alves de San Payo, conhecido e admirado de quantos labutam nos jornais, é dos acontecimentos lutozinhos que, nos últimos tempos, mais vivamente impressionaram o meio lisboeta.

Senhora de predicados intelectuais e morais muito raros, esposa e mãe das que podem apontar-se como modelo de ternura, de dedicação e de equilíbrio, D. Erna Alves de San Payo desapareceu da vida precisamente quando a sua existência, tornada em apostolado de bondade, mais necessária era ao amparo do seu lar, de que ela soubera fazer um templo de felicidade, e a educação de seis filhinhos, todos crianças ainda, que eram, com o artista que a associara aos seus destinos, o grande, assediante motivo das suas preocupações.

Não ha conforto possível para perdas como esta, quando a morte faz ruir toda a felicidade de um lar e, com ela, o carinho de inocentes atirados, num golpe de desgraça, para as inclemências todas da orfandade.

A Alves de San Payo as nossas condolências muito sinceramente sentidas.

O funeral da desditosa senhora, que contava apenas 37 anos de idade, realizou-se hoje, com selecto acompanhamento, da sua residência à praça Marquês de Pombal, 16, r/c., para o cemitério do Lumiar.

D. Maria de Magalhães Vilhena

Para o cemitério do Alto de S. João, realizou-se hoje, pelas 11 horas, o funeral da sr.^a D. Maria de Arrabida de Magalhães Vilhena, esposa do sr. Firmino Manuel Pereira de Vilhena e irmã do antigo ministro dos Negócios Estrangeiros sr. dr. Barbosa de Magalhães.

O funeral constituiu uma sentida manifestação de pesar, como era natural, dadas as grandes qualidades da virtuosa senhora. No prelo enunciam-se centenas de pessoas de todas as categorias sociais.

Pedro Bordallo representava o nosso director sr. dr. Joaquim Manso.

Duquesa de Armstrong

Faleceu ontem, em Buenos Aires, a sr.^a duquesa de Armstrong, aparentada com as mais distintas famílias da nossa primeira sociedade. Era irmã do sr. Marquês de Faria e da sr.^a condessa de Faria, viscondessa de Silveiras e condessa de Gonçalves Pereira. A illustre extinta deixou profundas saudades em quantos a conheciam.

A família enlutada e em especial a seu irmão, apresenta o «Diário de Lisboa» sentidas condolências.

D. Maria Martinez Santos Tavares

Faleceu hoje a senhora D. Maria Martinez Santos Tavares, irmã dos srs. Francisco Santos Tavares e Eugénio Santos Tavares, ilustres diplomatas e antigos jornalistas, a quem apresentamos sentidas condolências.

O seu funeral realiza-se amanhã, às 11 horas, da travessa das Mercês, 31-1, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

Morreu a criança

que o pai atirou por uma ribanceira

Faleceu hoje, no hospital de S. José, Luiz Patrício, que por seu pai, Cesar Patrício, foi ontem atirado por uma ribanceira entre o cemitério do Alto de São João e Chelas.

Palpitante actualidade:

"A Crise Monarchica"

pelo Conselheiro Luiz de Magalhães

Obra largamente documentada com os textos dos acordos relatórios e cartas do rei D. Manuel, D. Miguel e as figuras em destaque na causa monarchica e do integralismo lusitano etc...

1 vol. brochado Esc. 12\$50.

Pedidos à Livraria Lello, Lda - R. das Carmelitas 144-PORTO. Editores e Ailland & Lellos, Lda - R. do Carmo, 80 - LISBOA.

SE QUERES A PAZ...

OS BOMBEIROS PORTUGUESES

querem adestrar-se

para as contingencias da guerra quimica

O exercito do fogo vai reunir-se, em Tomar, de 26 a 31 do corrente, num imponente parada de forças.

Trata-se do seu 4.º congresso, promovido pela Liga dos Bombeiros, que incorpora 138 corporações, ou sejam os «comandos» municipais e voluntários de cerca de quatro mil homens. O congresso deste ano tem um interesse especial. Além das teses que são apresentadas, algumas de grande relevo, e das festas sempre necessárias em acontecimentos desta natureza, vão ser discutidos problemas de grande importância, um deles sobretudo, que diz respeito à nossa defesa em caso de guerra. Mas ouçamos o sr. José Dias Ferreira, secretario geral da Liga dos Bombeiros Portugueses e funcionario superior dos Correios. Trata-se duma personalidade de relevo em ambos os meios, que já prestou altos serviços à Patria, como combatente da guerra, cuja Cruz lhe esmalta a botoeira.

—Os nossos congressos podem considerar-se verdadeiras assembleias da corporação. Prestam-se contas de gerencia, discutem-se teses e versam-se, como sempre, as reivindicações pelas quais ha anos vimos pugnando.

—De grande importância?

—Indiscutível. Uma delas é a uniformidade dos distintivos e uniformes dos bombeiros de todo o país. Não faz sentido que, enquanto umas corporações se apresentam—isto é um exemplo—com capacetes à alemã ou à francesa, outros os ostentam de metal, em forma de elmo. O mesmo sucede com as fardas. As dos bombeiros municipais do Porto parecem-se com as dos voluntários de Lisboa. E as dos de Odivelas e da Amadora—para não citar mais—quasi se confundem com as dos municipais de Lisboa.

Directamente:

—Mas não haverá uma questão de vaidade? Um excesso, chamemos-lhe assim, de corporativismo?

—Não! A nós não nos interessa que os capacetes sejam de couro, de metal ou mesmo de chumbo, e que os fardamentos tenham mais ou menos dourados. Interessa-nos somente que seja estabelecido, por decreto, um tipo unico de uniforme, o que, em caso de guerra, é muito importante...

—Como assim?

—Para facilmente sermos reconhecidos pelas forças militares quando estabelecermos ligação com elas.

—Mas, então?

—Em todos os países, nomeadamente, a França e a Italia, a defesa das populações contra os gases está entregue aos bombeiros. Na Italia, o exercito do fogo faz periodicamente exercicios nas ruas, com viaturas, ensinando

Difamação

Em processo de policia correcional respondeu no tribunal de Vila Franca de Xira, por crime de difamação, Julio de Oliveira Mocho, carpinteiro, natural da freguesia de Vialonga, do referido concelho, um dos individuos que o capitão sr. Artur Gerardo Bastos dos Reis—por varios motivos que se prendem com a sua destituição do cargo de administrador do concelho de Arruda dos Vinhos—resolveu chamar a responsabilidade perante os tribunais.

O reu foi condenado no pagamento de 200\$00 de imposto de justiça e respectivos adicionais, tendo sido considerado isento de culpa—nos termos da lei—por se ter retratado na audiência do julgamento, dando explicações satisfactorias ao queixoso.

Um furto de papeis de credito

Ha tempos o sr. José Antonio Gonçalves Faria, residente em Idanha, queixou-se a P. I. C. de que lhe desapareceram duns cofres, numas casas bancarias, varios bilhetes da Consolidação do Fundo Externo Portuguez de 6 1/2 no valor de 17.220\$00. O agente Felipe da Silva apurou que o autor do furto foi um amigo do queixoso, que tinha tambem uma chave do referido cofre.

não só a população a servir-se das mascaras anti-toxicas, mas lavando e ventilando as arterias, as casas e os abrigos. Em Portugal, pouquissimos exercicios desse genero se realizaram, e sempre com deficiencia de material. Imagine, as mascaras que possuímos contam-se pelos dedos, e mesmo essas são destinadas aos fumos deletorios.

—Esse assunto vai discutir-se no congresso?

—Já foi discutido no ultimo, mas voltaremos a ele. Outro problema que vamos versar é o da percentagem que as companhias de seguros dão, por intermedio das camaras municipais, aos bombeiros. Essa percentagem, que é de 3, 5 e 10 por cento sobre o premio do seguro, é distribuido, respectivamente, pelos concelhos de 3.ª, 2.ª e 1.ª categorias. Sucede, porém, que na provincia a distribuição é diferente. Muitos concelhos de 1.ª categoria recebem não os 10 por cento, mas, apenas, cinco, se não três.

—E a diferença?

—Fica nas companhias. E' necessario que o Estado intervenha resolvendo este assunto, "ue tem dois aspectos: o moral e o material.

«Como sabe são raras as corporações de bombeiros que têm o seu pessoal seguro contra accidentes, isto por falta de recursos. Se esse dinheiro que as companhias indevidamente guardam, viesse, já a acção da Liga, que tambem é de assistencia, seria mais lata.

Outra reivindicação, que o sr. José Dias Ferreira apresenta:

—Gostariamos tambem que os bombeiros fossem isentos do serviço militar como o são os tripulantes dos barcos salva-vidas. Não se julgue porém, que isso encobre qualquer desígnio de proteger ou facilitar a deserção das fileiras... Não! Os quadros dos bombeiros seriam determinados, por lei, conforme as necessidades de cada cidade ou de cada vila. Outra reclamação em que fazemos finca-pé é a da isenção dos direitos do material o que para nós apresenta uma importante economia.

O nosso entrevistado mostra-se confiado em que os poderes publicos atendam as reclamações dos bombeiros portugueses que, diz ele:

—Têm apenas um aspecto moral, não representando qualquer encargo para o Estado. E' mesmo esse aspero moral que domina o nosso proximo conseqüente, que tudo o indica será uma bela manifestação de solidariedade e de dignidade dos bombeiros portugueses!

Instituto Superior de Agronomia

Foram nomeados os seguintes professores para constituirem os julgadores de exames de admissão ao Instituto Superior de Agronomia: Vitor Hugo Duarte de Lemos, Jaime Boaventura de Azevedo, André Francisco Navarro, Antonio Lino Neto, Francisco do Luz Rebelo Gonçalves e Antonio Diego do Prado Coelho.

Comissão venatoria do Norte

Foram eleitos para a comissão venatoria Regional do Norte os srs.: coronel João Nepomuceno Namorado de Aguiar, Alfredo Antunes da Silva Cunha, tenente-coronel Augusto Gonçalves Pereira de Barros, major Amílcar Franco, dr. José Augusto Pinto da Silva e José de Almeida Dias.

Concurso para enfermeiros

Está aberto o concurso para o provimento de lugares de enfermeiros sub-chefes dos hospitais civis de Lisboa.

UMA CAUSA IMPORTANTE

—o—

O encalhe do "Adamastor"

Foi julgada procedente

a acção movida por motivo

do seu salvamento

Terminou ontem o julgamento, no Tribunal do 7.º juízo, em audiência presidida pelo juiz sr. dr. Vasco Borges, do processo que a Sociedade de Comercio, Industria e Transportes Lda. moveu contra o Estado ao qual exigiu 500 contos pelo auxilio que o vapor «Maria Amélia» prestou ao cruzador «Adamastor», quando este navio de guerra encalhou em outubro de 1924, na ilha de Bolama. A audiência abriu pelos debates. O sr. dr. Humberto Pelagio advogado da Sociedade, com uma notavel concisão começou as suas alegações descrevendo com copiosa soma de factos os esforços empregados pelo «Maria Amélia» para salvar o «Adamastor».

Dirigindo-se aos juris disse:

«Em 4 de outubro de 1929, dirigindo-se o cruzador «Adamastor» para a ilha de Bolama, encalhou na ponte Oeste da mesma ilha, e não podendo safar-se com os seus proprios meios, foi ordenado pela chefe dos Serviços de Marinha da Guiné, que o vapor «Maria Amélia» fosse em seu auxilio. Este encontrava-se, então, em Bissau pronto a seguir viagem para Lisboa, carregado completamente com 1.533 toneladas de mendobi e á hora a que lhe foi dada ordem para ir em auxilio do cruzador, estava aguardando a chegada dos papeis de bordo para iniciar a sua viagem pr Lisboa.

Embarcado a bordo, o chefe de Serviços de Marinha, o «Maria Amélia» dirigiu-se desde logo para o local do encalhe e, após uma conferencia entre os respectivos comandantes dos navios assistentes e assistido, o «Maria Amélia» cerca das 17 e 30, fundeou o mais proximo possível do «Adamastor» em 10 braças de agua, pois os fundos ali passavam de 9 braças para 3, e o navio achava-se em 17 pés e 9 polegadas de calado.

Estabeleceu-se o primeiro cabo de reboque que rebentou ás 20 horas, devido á forte corrente de agua, lançando-se segundo que logo a seguir rebentou pelo mesmo motivo. Eram 22 horas.

Com. não houvesse tempo para se passar novo cabo, visto ser prematuro, o «Adamastor» tentou safar-se com o auxilio das suas maquinas e do rebocador Bissau, mas todas as tentativas foram inuteis.

No dia 5, pelas 8,05 fundeou o «Maria Amélia» novamente a cerca de 500 metros do «Adamastor» estabelecendo-se terceiro cabo de reboque.

Às 11 horas o «Adamastor» começou a trabalhar com as suas maquinas ajudado pelo rebocador «Bissau» e pelo «Maria Amélia» até que ás 11 h. e 12 m., em virtude da força da corrente, o cabo de reboque deu um violento esticão, partindo-se, desenhando o «Adamastor» poucos minutos depois.

A situação do Adamastor era, em verdade, assaz critica.

Dada a palavra ao sr. dr. Sousa Costa, o illustre magistrado começou por tecer os melhores elogios ao seu colega, entrando depois no estudo da prova produzida que reputou insufficiente para habilitar o tribunal a julgar a acção procedente.

Reunido o tribunal, este respondeu, dando a acção como procedente e provada, que o encalhe collocou o Adamastor na impossibilidade de safar-se pelas suas proprias forças e recursos, e na situação de perigo: que foi ás 11 e 12 horas que rebentou o 3.º cabo de reboque lançado pelo Maria Amélia, dando na ocasião um forte esticão ao Adamastor; que quando rebentou o segundo cabo o cruzador não conseguiu safar-se apesar de ser na ocasião maxima praia-mar, apesar dos esforços do rebocador «Bissau», e apesar do esforço das suas proprias maquinas, actuando simultaneamente e em conjunto todos estes factores; que o «Maria Amélia» prestou um util serviço contribuindo para o desencalhe, etc.

Porém, atenta a dificuldade de determinar o valor do cruzador, e outras verbas, ficou o seu montante para se liquidar em execução de sentença.

TAUROMAQUIA

Lorenzo Garza, «El Soldado», D. Alexandre de Mascarenhas e João Branco Nuncio

Touros de João Coimbra serão lidados no próximo domingo no Campo Pequeno. Trata-se da corrida organizada por um grupo de aficionados alemães e dedicada aos excursionistas do «Monte Pascual», que nesse dia está no Tejo. Escolheram bem. A ganadaria Assunção Coimbra é a que nesta época colocou mais alto a sua divisa. Conforme se previa, o duo de cavaleiros escolhidos foi o que João Nuncio e D. Alexandre de Mascarenhas formam com extremo brilhantismo. Muito bem, também! Lorenzo Garza e «El Soldado», os dois temerários espanhóis, foi de uma emoção extraordinária, são os espadas. Soberbo! Agostinho, o valentíssimo e indispensável peão, e Julio Procopio, em quem a maior parte da «afición» vê um futuro espada português, estão entre bandarilheiros. Os espanhóis «Alfaro» e «Cantillana» também vão para o cartaz, bem como um grupo de forçados que está sendo constituído com especial cuidado. Os touros são todos puros. A corrida é uma «corrida grande», porque a sua organização é absolutamente inextinguível. Muito bem! Ainda um detalhe: os espadas lidam desenhados.

Tiro aos pratos na Nazaré

No próximo domingo, 22, realiza-se na praia da Nazaré um torneio de tiro aos pratos em que se disputam três prémios numa «poule» de vinte pratos com eliminatórias a dez zeros. As inscrições são feitas na Comissão de Iniciação até à hora do torneio. O torneio repete-se no domingo, 12 de agosto.

Esperas de touros

Acérea das «esperas de touros» que ultimamente se têm realizado e das quais resultaram alguns mortos e feridos, escrevem-nos vários leitores, protestando contra a selvajaria que na praça pública atinge transeuntes inexperientes e estranhando que tal seja permitido, num momento em que ainda se duvida da conveniência de autorizar touros de morte em praças fechadas e apenas com profissionais experimentados.

HOJE: a deliciosa peça

“Gueisha” no Coliseu

Últimas representações

Sucesso triunfal da soprano Hrico Almerinda Monteiro

Não deve demorar-se o publico que se interessa pelos bons espetáculos de arte, em ir ver ao Coliseu a opera cómica de costumes japoneses *Gueisha*, visto que está dando as suas últimas representações.

É das peças mais encantadoras de todos os tempos, com uma musica tipica, de estranho mas delicioso sabor oriental, aplaudida todas as noites com arrebatamento e entusiasmo, tanto mais que a protagonista é realizada pela distinguissima actriz-cantora Almerinda Monteiro, a maior revelação do nosso teatro musical, que bis e trisa todas as noites as mais belas canções, ao lado de artistas consagrados como Alves da Silva, Célia Mendes, Fernando Pereira, Gil Ferreira, Sales Ribello, Vina de Sousa, Maria Laura, Miquelina Rodrigues, João Silva e Alvaro Barradas.

Sexta-feira: 1ª representação, nesta época, da divertida e encantadora opereta *Casta Suzana*, e reaparição da admiravel actriz Cremilda de Oliveira, a grande criadora do papel de Suzana.

Edições da “Renascença Grafica”

RUA DA ROSA, 57, 1.º

Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273
PORTUGUESES EM ROMA, por NORBERTO DE ARAUJO.

MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO..., por NORBERTO LOPES.

O LIVRO DO NOSSO AMOR por SILVA TAVARES.

ALBUM DE CARICATURAS, por FRANCISCO VALENÇA.

BIBLIOGRAFIA DE MAFRA, por JOAO PAULO FREIRE (MARIO).

CARTA DO BRASIL

A imigração portuguesa

RIO DE JANEIRO, junho.—O acordo ortografico que havia sido assinado entre as academias de Lisboa e do Rio de Janeiro e homologado e oficializado pelos dois governos, acaba de sofrer um golpe inesperado da Assembléa Constituinte Brasileira, mercê, é bom que aí se saiba, da influencia de um dos seus membros que possui um jornal... cujas boas graças muitos políticos cortejam... Este é o verdadeiro significado do acto da Constituinte, no qual entrou também uma parte do espirito nativista que caracteriza uma parte da opinião brasileira, representada na Constituinte por um numero razoavel de politicos «novos».

Entretanto, para os leitores do *Diário de Lisboa* poderem fazer uma ideia da sinceridade do referido jornalista e da coerencia do seu jornal, que foi sempre simpático á parte demagógica e jacobina da população brasileira, consideremos este pormenor eloquente: Esse jornal abriu, há cerca de quatro anos, um plebiscito com o fim de saber que ortografia deveria ser adoptada pelo Brasil; e, com surpresa para os proprios lusofilos, a grande maioria do professorado, entre a qual se encontravam os nomes dos seus membros mais illustres, votou pela ortografia portuguesa. Entretanto, a campanha do jornal contra ella continuou e, trazida agora para a discussão de uma assembleia politica, o voto desta, em materia científica tão profunda, subverteu em poucos minutos a autoridade da Academia e da maioria do professorado brasileiro...

A discussão foi rapida, como convinha ao golpe preparado; e a defesa foi sustentada pelo dr. Fernando de Magalhães e pelo academico Olegario Mariano, e o ataque pelo jornalista referido. Darei algumas passagens da edificante discussão, publicadas no *Jornal do Comercio* do dia seguinte:

«... O sr. Fernando de Magalhães diz que pela terceira proposição mandava-se escrever o Estatuto Politico de acordo com a ortografia da Constituição de 91.

Não era possível escrever de acordo com a Constituição de 91, porque esta não escreveu direito a palavra Brasil. Quando Ruy Barbosa escreveu um dos autografos que aí estão espalhados—diz mais o sr. Fernandes de Magalhães—sobre o projecto de Constituição, fe-lo grafando «distinção», com um c só. E Ruy Barbosa escreveu Brasil com s, porque Gil Vicente, contemporaneo do descobrimento do nosso país, assim o fazia e Capistrano de Abreu ensinava que Brasil vem de brasa, que, por sua vez vem do velho germanico «brasein».

Na Constituição de 91 se escreveu gozo com z; condenar com mn. quando desde

OS IDEAIS PROLETARIOS e as boas maneiras

MOSCOVO, julho.—A juventude sovietica iniciou uma campanha de «boas maneiras» e «boa apresentação», por considerar que os ideais proletarios se não devem identificar com a linguagem grosseira e como vestuario sujo e improprio.

Os jovens comunistas querem inculcar á juventude o uso de uma linguagem correcta, «boas maneiras» e uma apresentação o mais atraente possível.

Esta campanha é patrocinada pela Liga Juvenil Comunista, a organização que prepara a juventude sovietica para o ingresso no Partido Comunista.

Esta nova attitude contrasta com a seguida até agora. Ainda até há pouco tempo, se considerava o uso da gravata, e dos fatos bem feitos e passados a ferro, como reminiscencias burguesas.

O contrario era bem visto, por ser considerado o verdadeiro distintivo do proletario. É evidente, que esta attitude não se observava, quanto a cultura.

Desde os primeiros dias da revolução que os ideais da juventude tinham sido a consecução de uma solida educação. Agora esta cultura interna será completada pela cultura externa.

«A falta de boas maneiras, diz o diário *Kemsemelski Pradva*, é uma reminiscencia capitalista, na consciencia do homem».—(United Press).

não só o Vocabulario Bluetan como as Ordenações Afonsinas grafavam essa palavra apenas com n. A Constituição de 91 ora escrevia «registro», ora «registo», quando a palavra vem de «registro». Essa divergencia—continua o sr. Fernando de Magalhães—é natural, porque não pode haver ortografia fonetica. Não ha caracteres capazes de reproduzir todos os sons.

Por outro lado não pode haver ortografia etimologica, porque só meia duzia de letrados sabem etimologia e seriam capazes de escrever correctamente. O que por aí existe é a ortografia mixta, isto é, anarquica.

Encaremos agora—diz o orador—o historico do questao: Em 1907, Machado de Assis estabeleceu a «Ortografia academica», que Portugal aceitou em 1911. O Brasil, porém, não seguiu o acordo feito, e, não obstante Portugal a respeitou. Aqui, apenas o ministro Tavares de Lyra determinou fosse aceita essa ortografia nos exames de preparatorios.

O sr. Olegario Mariano ocupa também a tribuna e diz:

Senhor presidente, senhores deputados: Pretendo merecer, sr. presidente, um momento de attenção dos meus nobres colegas para qu possa opôr á emenda n.º 1.099, do illustre deputado sr. Paulo Filho, algumas considerações que me parecem decisivas em abono da reforma ortografica, que nos foi indicada por duas Academias e oficializada pelo governo do Brasil e pelo de Portugal. Alega-se contra ella:

1.º—Que o acordo nos foi imposto pelos portugueses;

2.º—Que é uma reforma fonetica, que pretende deturpar o idioma, desrespeitando as tradições etimologicas;

3.º—Que é repudiada pela maioria dos brasileiros.

Nada disso é verdade, e vou prová-lo com documentos.

O problema da uniformização e simplificação da lingua portuguesa no Brasil era dequelles que se impunham pela necessidade premente de fugirmos á balburdia ortografica que nos ameaçava.

Redigidas as bases do acordo, foram ellas estudadas pelas duas doudas corporações, resultando desse estudo—o acordo solememente firmado em 30 de abril de 1931, entre o sdois presidentes, representado o nosso, em Lisboa, pelo embaixador José Bonifacio e o sr. Julio Dantas, no Rio, pelo embaixador Duarte Leite.

Acrescentarei ainda que a Academia portuguesa já havia aceitado varias alterações sugeridas pela Academia Brasileira, na reforma anterior de 1907 e 1911, em vigor ha mais de vinte annos em Portugal.

Ninguém, portanto, conhecendo o que se passou entre as duas entidades, poderá afirmar que a reforma nos tivesse sido imposta pelos portugueses.

Ademais, sr. presidente, parece-me que

A situação da industria alemã

BERLIM, julho.—A estrita limitação do governo da moeda estrangeira, que se permite ás casas industriais para a aquisição de materias primas no estrangeiro, revela não só a situação precaria da moeda do Reich, senão que põe em relevo um dos problemas mais graves da industria alemã. A industria alemã depende particularmente de materias primas, especialmente em tecidos, couros, industrias metalurgicas, que importa do estrangeiro. Estas importações têm de pagar-se em moeda estrangeira ou em ouro, e a Alemanha não tem abundancia nem de uma nem de outra. Os depósitos do Reichsbank não chegam a 150 milhões de marcos, por que representam menos de cinco por cento da moeda alemã em circulação.

Legalmente não existe moeda estrangeira nem outro em poder dos particulares porque tudo deve ser entregue ao Reichsbank. A razão da diminuição dos depósitos de ouro e da moeda estrangeira, é a diminuição do comercio de exportação da Alemanha. As exportações alemãs são actualmente uma terça parte das cifras de 1931. —(United Press).

Sortes grandes?

so a casa COSTA, LDA. as vende

60 - Rua da Prata - 62

em assuntos desta importancia não se pode enquadrar excessos de nacionalismo.

Por mais forte que fosse o nosso sentimento patriótico, não nos seria possível desmembrar um idioma que é e será comum a brasileiros e portugueses.

O sr. Paulo Filho—A prosodia não é a mesma.

O sr. Olegario Mariano—Mesmissima.

A reforma unificadora representa, senhor presidente, srs. deputados, o resultado de longas e pacientes pesquisas feitas através de mais de trinta annos, pelas maiores sumidades filologicas dos dois países.

O sr. Paulo Filho—Não se conhecem esses estudos de 30 annos...

O sr. Olegario Mariano—V. ex.ª não os conhece?! V. ex.ª não é especializado na materia; não pode, pois, discuti-la.

O sr. Paulo Filho—Realmente não sou. Quero aprender com v. ex.ª.

O sr. Olegario Mariano—Não a discuta, portanto.

Só lhe chamará fonetica quem a não tenha compreendido. É uma reforma essencialmente etimologica simplificada, conforme a traçaram os sabios filologos brasileiros que fizeram a reforma de 1907 e os sabios filologos portugueses que constituiram a comissão reformadora de 1911.

O qualificativo de fonetica é tendencioso. Surgiu apenas para atirar pela mão do jacobinismo pedras á Academia Brasileira.

Idioma sem unidade grafica, não tendo fisionomia propria, não chega a ser idioma.

Tão imprescindivel que se nos impunha a necessidade de uniformizá-lo e simplifiçá-lo, que a reforma academica, pode dizer-se, foi geralmente aceita em todo o país.

O sr. Paulo Filho—V. ex.ª dá licença para um aparte?

O sr. Olegario Mariano—Perdão, não dou, porque os documentos estão aqui. (Riso).

O sr. Paulo Filho—A alegação de jacobinismo está abaixo da intelligencia de v. ex.ª.

O sr. Olegario Mariano—Não estou mentindo.

A maioria que deu o golpe no acordo não foi grande:—apenas 30 votos. Apesar de o uso da ortografia antiga ficar consignado na Constituição, podemos ter como certo que a tendencia da simplificação vencerá um dia, quando o panorama politico estiver menos agitado e menos desorganizada a mentalidade brasileira. A simplificação é, aliás, uma tendencia natural em todas as coisas e em todo o mundo. Enquanto a unificação das ortografias portuguesa e brasileira, acreditamos que também virá a ser vencedora, por que tem por si a intelligencia e a cultura do Brasil;—e sairá porventura vencedora com o proprio voto do sr. Paulo Filho... quando ele tiver já os cabelos brancos, o que não virá muito tarde, infelizmente para ele.

Por que não acreditar na evolução do sr. Paulo Filho? Os lusofobos mais evidentes do Brasil, acabaram sempre por se tornar amigos de Portugal. Quem não se lembra da conversação de Diocleciano Martyr e Irineu Machado—furiosos lusofobos dos ultimos annos do passado seculo? Quem ignora que Sylvio Iomero que foi uma das maiores mentalidades deste país e que na sua mocidade, foi também um lusofobo, se tornou nosso amigo e admirador desde que um dia foi a Portugal e nos conheceu melhor?

E quem não se lembra, finalmente, da lusofobia de Alcebiades Delamare, o director de uma revista chamada «Gil Blas», onde Portugal e as suas grandes figuras historicas eram achincalhadas, chegando a escrever que Pedralvares fôra uma besta e que Gago Coutinho chegara ao Brasil, pelos ares em «um tamanco com azas de bacalhau»?

Pois o sr. Alcebiades Delamare tem nos ultimos annos, procurado tomar novo caminho; e até está publicando no *Jornal do Comercio* um estudo, aliás interessante, em que reivindica para Cabral a gloria de ter sido escolhido para ir, em nome do rei Manuel I, tomar posse efectiva do Brasil,—refutando os historiadores que afirmam ter o Brasil sido descoberto por acaso.

A questão do acordo ortografico não ficou enterrada. Tempo ao tempo.

SANTOS SILVA

NOVIDADES LITERARIAS

A novela "Auá", de Fausto Duarte

1.º Premio do Concurso de Literatura Colonial

A literatura colonial acaba de ser enriquecida com uma novela de excepcional valor. Intitula-se «Auá», novela negra, e é seu autor Fausto Duarte.

Numa prosa vibrante de colorido, duma rapidez de legenda cinematográfica, Fausto Duarte dá-nos no «Auá» um conflito intenso de raças, a branca e a negra, tendo como quadro o cenário tropical da Guiné. Pode dizer-se, que o autor descobriu, tanto no que diz respeito a paisagem física, como a paisagem humana, aquele rincão do nosso império. A sua novela tem um carácter essencialmente realista. O fogo violento das paixões queima as almas e os corpos. Por vezes, é brutal, mas com talento, com arte, empolgando o leitor, que nas páginas do livro, encontra novos e amplos horizontes de emoção e descrição. «Auá», que teve o primeiro premio da literatura colonial, é prefaciado por Aquilino Ribeiro, mestre das letras, que faz, com toda a sinceridade, o elogio da obra.

Dele transcrevemos:

Está dito, o primeiro que viu a Guiné foi Nuno Tristão, o segundo o autor de Auá. Certo é o europeu estar todos os dias a descobrir a África e a África a furta-se, nem de propósito, cada vez mais ao seu conhecimento e amabilidades. Vem de lá o açúcar, que encarece do por do sol para a manhãzinha, certos bichos simpáticos do Jardim Zoológico, e sujeitos com a bolsa repleta e fígados derrancados: é ainda a terra do degredo. Que mais? Sabemos: os nossos navegadores foram tateando a costa e baptizando em nome de Deus e do rei promontórios, golfos, enseadas que, séculos depois, um inglês, geógrafo e flibusteiro ao mesmo tempo, repimpado sob a tolda do navio, foi erismando ao sabor da pacotilha e do respeito para com Sua Majestade Graçiosa; Albion esbulhou-nos do melhor latifúndio africano; o rei Leopoldo doutro; entaiparam-nos nos tropicos, o inferno. Sabe isso o espirito de descontentamento que anima o português e ainda é a sua força mais apreciável; os compendios não ensinam, rezam; rezam os nomes dos rios, das cidades, dos distritos. Toda a ciência oficial é nomenclatura.

De ouvido, de rápidas e recreativas narrativas, sabemos também que espécie de realza ha em África. Não reina o branco, nem o soba, nem o desacreditado leão; reina o insecto; insectos de nome infantil, eufónico, de sílabas dobradas, um amor de nome: a baga-baga, formiga branca, invulnerável, genio da destruição, e a tsé-tsé, mosca da doença do sono, que vai cobrindo com noite sepulchral o imenso continente negro.

Que nos dizem de África os livros? Os antigos, das «Cronicas» até a «Historia Tragico-Maritima», vêm cheios de azagalas, de marfim, de avelórios, de caça ao escravo, da rumorosa e invassada selva, mais nada. Dos modernos, apenas conheço a obra do dr. Brito Camacho, em que, de verdade, nem sempre o artista é abafado pelo homem de Estado que, por onde vá e espalhe o olhar, escruta, sopesa, compara, avalia. Imagino que os outros se não apartem muito do conceito classico; negraria, batuque, tanga, rugir da fera e coconote. Ultimamente, sim, veio parar-me ás mãos um livro genial e ascoroso ao mesmo tempo porque deixa as pessoas malquistadas com a vida: «Voyage au bout de la nuit», de Louis-Ferdinand Céline. O protagonista apeia em plaga africana, que parece ser vizinha da Guiné, e conta o que vê e ouve. Foi alucinação aquilo, comprove-se em traçar uma caricatura grotesca, ou chegou ao país dos pesadelos? Ali os brancos tiritam, tiritam em despeito das doses maciças de quínino, e convertem a febre em materia de «match»: qual termómetro subiu mais? Caramba, 40º aquele é campeão!

O governador só pensa em enriquecer para largar embora leve a garra da morte no flanco: seguem-no disciplinadamente na rapina os mais funcionários. Porque se arranha com unhas furiosas, até o desespero, até o paroxismo, a ponto de tornar-se em Lazaro, aquele comerciante? E' o «corocoro,

cette vache», que tomou conta dele. Tudo ladrão, obscuro, reles, lamelico, esbodegado e esbodegante, o branco e o preto, o rio e a floresta, o silencio e o alvoroço da tabanca, a vida e a morte. Mas Céline, cuido ver no seu retrato, escreve com os olhos de Greco: tortos.

Fausto Duarte, que se embrenhou pelo mato, dormiu nas cubatas do interior, viu acordar as morangas, vem reconciliar-nos com a África e a primeira e mais grata impressão é a de alívio. Desafoga-se. O ar tem a competente impregnação de oxigenio, passáros das mais belas côres e mais canoros que primas-donas alegrem a paisagem, o sol não é «metal em fusão» e pela estrada plana, como na Europa, o motor do automovel vai cantando gloriosamente. Balantas e fulas, das onze raças da Guiné os mais activos, ocupados nos agros, erguem a cabeça curiosa. Também aquela rapariga é perita em lançar esquivas e langorosa mirada! Reina a santa paz, idílica paz, as mulheres pilam o arroz e o ruído dos maços repercute ao longe como os mangos nas eiras de Portugal. Logo, ao sol-pôr, quando as cubatas fumegam ao céu, falta apenas que desca dos campanários um magoadado e sua-víssimo angelus.

Com simplicidade encantadora, sem difusões, nem peripécias de cinema, o autor vai-nos pintando o que é a vida naquele tratado terra e de humanidade. E não é difícil chegar á conclusão de que os diferenciais que trouxe o progresso e a pigmentação pouco representam ao lado da analogia profunda e simetria notoria que a vida reveste duns homens para os outros. E' facto estar a Guiné á beira do berço da civilização semita e de lá haver recebido influxo certo. Circuncisam-se os vâroes; as aldeias têm nome; a apanha da mancarra lembra a ceifa ou vindima, merce das quais se pagam os impostos; os marabús valem os padres catolicos e os curandeiros curam tão realmente como os medicos que saem das escolas sapientes; as raparigas amam e aborrecem pelos mesmos motivos de ética como no restante mundo, e a lei irreversível de ganhar o pão com o suor do rosto torna o gentio da Guiné equivalente aos labrotes barbaros e retrogrados, sob determinados aspectos, da provincia portuguesa ou da Rússia, antes do «Diluvio».

As finas qualidades de observação de Fausto Duarte revela-nos uma Guiné que não sonhávamos. Lá também o homem é joguete de estranhas e incoercíveis forças; lá também o homem faz guerra ao seu semelhante e é trivial que o oprimido odele o tirano, chama-se nesta parte do mundo o cobrador de impostos ou o «duanne», na Europa o proprietario ou representante da autoridade, no guinhol—e tudo no mundo se reduz a guinhol—o gendarme, como em gendarme se cifra tudo o que no universo sensível ou inconscível implica mando e prepotencia.

Fausto Duarte e pela civilização, mas a sua sensibilidade não cala a ternura que lhe merece o homem escravizado, coacto a uma felicidade sem a qual passaria perfeitamente. Os que sonham com um Portugal de além-mar engrandecido hão de ficar gratos á pena colorida, equilibrada, emotiva sem excesso que escreveu «Auá», estreia literaria do maior realce e obra de elevação lusiada.

C. Quebrada, Abril de 1934.

AQUILINO RIBEIRO.

Em setembro de 1932, ali no Parque Eduardo VII, numa pequena ondulação de terreno que domina a cidade, construiu-se cinematograficamente uma «tabanca», aldeia indigena, onde alguns fulas chegados a Lisboa foram expostos á doçura curiosidade do nosso publico. A ideia não era nova. Ingleses em Wimbledon e franceses no Parc des Princes tinham feito, anos antes, o mesmo. E os dois povos aplaudiram os negros. Quizeram os nossos illustres coloniais, numa época em que os grandes diarios respigavam da ementa dos «fait-divers» certos sintomas da marcha progressiva dos nossos dominios de além-mar, mostrar ao lisboeta sempre ávido de sensações novas o que era a vida íntima duma aldeia de negros. O pequeno nucleo de pa-

lhoas tornou-se o «cêro» da Exposição e o publico, generoso, acudiu em massa.

Apedrejados de inicio pela garotada, que assim os queria obrigar a sair das cubatas, os negros foram mais tarde admirados, sujeitos a um exame minucioso como se fossem novos exemplares da escala zoologica e depois adulados com recepções em palácios onde colecionaram algumas prebendas. O numero de visitantes aumentou extraordinariamente. Todos queriam ver os regulos—oficiais duma operaria tropical—as raparigas e as danças gentílicas. Entre a assistência destacavam-se, pelo numero, senhoras que nunca faltam á expectaculo profusamente anunciados em revistas de especialidade.

E ali, também, não faltaram certas meninas românticas desejosas de ver o principe que sabia sorrir. Para esse principe de lenda, cujas fotografias foram admiradas na sociedade burguesa, constituiu um novo capítulo no romance da sua imaginação. O traje arabe e o «colão» vermelho assentavam-lhe bem. E, Abdu, o principe encantado, deixou uma noiva...

Lisboa viu assim os fulas, mas não os conheceu.

A sua indumentaria pitoresca foi a maior se não a unica atracção. A alma enigmática do Islam ficou envolta no misterio e regressou impene-trável, mesmo para aquelas horizontais que se desnudaram, impudicas, na penumbra dissimuladora duma ou outra palhota.

Não se admira o leitor. Na Inglaterra fleugmática, onde a raça negra é desprezada, «certas fêmeas, como nos conta Paul Morand, de la haute société de Londres orient de leurs maisons lorsque maris sont couchés (ces maris ennemis des races de couleurs et qui sur ce méprisant fond l'Empire britannique) et se rendent à de petites soirées élégantes et clandestines dominées en l'honneur des «couons», des blackmen. Paris, non content de les recevoir, leur rend visite à domicile»...

O ambiente que lhes foi criado pelos jornais, o contraste das epidermes e os albornozes foram, sem duvida, o agulhão que acicitou a curiosidade feminina até á habituada aos africanos civilizados, que passam pelo Chiado vestidos no rigor da moda.

Foi essa curiosidade que no Reno alemão fez levantar clamores aos pais intransigentes e que em Toulouse, após a conflagração europeia, deixou cêrca de dois mil mulatos.

Os franceses submeteram-se á nova terapêutica para o revigoramento do sangue nacional e, positivamente, como uma solução para o decréscimo alarmante na natalidade. Na louca Alemanha, as Frauen ausentavam-se dos lares, procurando voluntariamente os soldados senegaleses nas casernas de la Ruhr, apesar dos protestos das chancelarias que accusavam os negros de fantasiosos raptos. Os alemães mentiam ao mundo civilizado porque a sua Kultur bastas vezes apregoadada em 1914 não admitia o contacto sexual com uma raça por eles considerada inferior. Não eram os intrepidos «tirailleurs» que seduciam as castas donzelas do além-Reno. E' ainda Paul Morand que cita com a maior sinceridade:

«C'est la Blanche qui presque toujours, court après le Noir. La censure a, parait-il, ouverte des lettres d'amour insensées adressées par des jeunes filles de province à des tirailleurs. Le noir qui épouse une Blanche s'en degoute vite et retourne à ses femmes»...

Descortino nos olhos da leitora que se apaixonou pelo Principe uma lagrima furtiva. Abdu partiu para um reino que desconhece a sedução de certas caricias ou de cálidos beijos, mas que sabe preparar o «irandé» (1) e oferecer-lhe numa caboca bem limpa o delicioso mel de abelhas silvestres.

Mas não julgue o leitor que o fula é o negro boçal que habita o Hinterland da Guiné. Nas attitudes dos regulos que posaram inúmeras vezes para os magazines de luxo, adivinham-se a influencia longínqua, ancestral, do Oriente, da doutrina panteista e do fatalismo que domina o muçulmano. «Tudo subsiste em Deus, tudo voltará á Ele».

Á impossibilidade do rosto guarda o misterio da Selva Africana. Tudo é enigma nesta raça que jamais se moverá numa orbita propria porque gravita para um centro comum: o Islam.

A doutrina em todos os povos tornou-se o fio condutor das almas que procuram a perfeição. E a familia muçulmana é, caracterizadamente, uma grande associação religiosa.

Entre o fula e o negro autoctone ha um abismo incommensuravel. Separa-os a origem, a idiosincrasia e a religião. A raça fula constitui por si só um problema etnografico, e a sua indumentaria tipica, multicolor, dando uma nota oriental ás manchas étnicas e incultas, da Guiné, desperta instintivamente a curiosidade dos «parvenus» que a julgam identica ao traje mais do que singelo das tribus pre-historicas africanas.

Não sendo aborigene da região, o fula como invasor conservou sempre o temperamento

belicoso. Porém, não é só ele o elemento estranho nesse vertice onde se foram concentrar tantas raças com traços distintos entre si. A essa causa não deviam ter sido alheias as condições topograficas da Colonia com a sua grande rede fluvial ocasionando terrenos alagados, indispensáveis á cultura de certas bramineas, a morfologia do solo que se desdobra numa extensa planicie favoravel ao caracter do nomada e as manchas florestais.

Mas, qual a origem dos fulas?

Para Gustave d'Eichthal pertencem, provavelmente, á familia «malaisienne», cujos traços também se encontram na população de Madagascar.

Poul, Foulah, fout, foram os nomes que os malaios chegados á África deram a si proprios, para se distinguirem dos povos da raça negra. Rennel considera-os como descendentes dos Leucoethiopes de Ptolomeu; D'Avezac e Ritter estão de acordo que eles não são originários do planalto de Timboui, nem dessa pequena região chamada Fouladour, situada na margem oriental do Alto-Senegal.

A sua expansão deve ter sido ocasionada pela grande migração dos povos do centro do «plateau» africano. No século XIII já se encontravam no «Fula-Djallon», e só muito mais tarde, instigados pelo «Almanyn», chefe do culto religioso, ocuparam definitivamente a região do Forcé, atraídos pela planicie como nomadas que eram. A sua distribuição dependeu apenas dos agentes topograficos.

A influencia moralizadora da religião deste povo eminentemente crente dominou a rivalidade das tribus.

Vive num ambiente limitado pelos Sowars do Alcorão, livro que encerra o impressionismo da multidão muçulmana. O Alcorão reuniu depois no dogma—unidade de Deus—as tribus mais illustres do antigo Khalifado com as populações selvagens do além-Sahará. O estilo poetico dos seus versiculos, filtrou-se na mentalidade supersticiosa do fula em cujo sangue se encontram reminiscencias da ancestralidade arabe. Daí a inquietação constante em que vive o fula, nomada por excelência, para quem a prece diaria é um dever irrefragavel.

Desloca-se com facilidade, talvez impulsionado pelo desejo de conhecer terras mais propicias á existencia difficil do seu caracter indolente, ou simplesmente pelo prazer da viagem e da aventura que é, sem duvida, a nova expressão no nomadismo moderno. Esta é outra influencia que indica o contacto com os arabes que foram os grandes viajantes do passado.

Ibn Hancal e o Scheick Ibn Batuta percorreram as provincias de Espanha, navegaram pelo Mediterraneo, descobriram a civilização milenaria dos Chineses e dos Indios, passaram o mar Negro, regressando pelo Volga e Constantinopla, numa época em que os mares eram povoados por tradições pavorosas.

O Alcorão, oráculo infalível que preside aos destinos da população muçulmana, modelou o caracter do fula, incapaz de se submeter inteiramente á civilização do ocidente ou ainda de reconhecer nela essa superioridade aceite pelo negro autoctone, melhor cooperador da nossa colonização.

Mas, a raça negra progride incontestavelmente. O «jazz», as danças lascivas, as pernas esculpturais de Josefina Baker e o contorcionismo acrobatico do bailarino Douglas, conquistaram definitivamente a Europa do «après-guerre».

E o continente negro surgiu aos olhos do mundo ocidental numa fase nova. Fecharam-se os livros de Livingston. Criou-se uma literatura inesgotavel de beleza e filosofia.

«Auá»—documentario etnografico—é também um novo capitulo da psicologia indigena.

(1)—Comida.

Companhia Sintra-Atlantico

A Companhia Sintra-Atlantico estabeleceu o seguinte horario para as suas carreiras de auto-carros entre Azenhas do Mar e Lisboa, (Largo de S. Domingos, n.º 11), com passagem por Praia das Maças, Colares e Sintra:

Nos dias uteis: partida de Azenhas do Mar ás 8 e ás 15,55 horas; partida de Lisboa, ás 10 e ás 18 horas.

Nos domingos e dias feriados: partida das Azenhas do Mar, ás 8 e ás 17 e 30 horas; partida de Lisboa ás 10,30 e ás 19,30.

Marcação de bilhetes e informações: rua da Prata, 122; telefone 2 5359.

Carros electricos a todos os comboios de Sintra e de Azenhas do Mar.

Leiam amanhã o SEMPRE FIXE, jornal humoristico.

...também os desportistas preferem o FORD V-8

Os irmãos Ferreirinha, vencedores absolutos da 3.^a Volta a Portugal, correram em FORD V-8
 Jorge de Seixas e Jaime Gonçalves, respectivamente 2.^o e 3.^o da classificação geral, igualmente correram em FORD V-8
 Manoel Nunes dos Santos, 4.^o da sua classe e 5.^o da classificação geral, também correu em FORD V-8

SEGURANÇA

OS 4 PRIMEIROS LOGARES DA 3.^a VOLTA A PORTUGAL — classe B — FORAM CONQUISTADOS PELOS 4 FORDS V-8 INSCRITOS

Jaime Gonçalves, em FORD V-8, ganhou a 1.^a etapa—548 kms., de Cacilhas a Vila Real de Santo Antonio—á média de 82,821 kilometros á hora.

Manuel Nunes dos Santos, em FORD V-8, ganhou a 2.^a etapa—423 kms., de Vila Real de Santo Antonio a Portalegre—á média de 77,143 kilometros á hora.

Eduardo Ferreirinha, em FORD V-8, ganhou a 3.^a etapa—610 kms., de Portalegre ao Porto—á média de 68,927 kilometros á hora.

Jaime Gonçalves, em FORD V-8, ganhou a 4.^a etapa—419 kms., do Porto a Lisboa—á média de 78,809 kilometros á hora.

VELOCIDADE

RESISTENCIA

AS MAIORES VELOCIDADES DA 3.^a VOLTA A PORTUGAL FORAM ATINGIDAS EM FORD V-8

REGULARIDADE

Jorge de Seixas, em FORD V-8, ganhou a Prova Complementar de Rampa, em Portalegre
 Eduardo Ferreirinha, em FORD V-8, ganhou a Prova Complementar de Ralenti, Aceleração e Travagem, no Porto
 Jorge de Seixas, em FORD V-8, ganhou a Prova Complementar do Circuito do Parque Eduardo VII, em Lisboa

O RÉCORDO DA 3.^a VOLTA A PORTUGAL FOI ESTABELECIDO POR JORGE DE SEIXAS EM

Ford

PERCORRENDO 2.000 KMS. EM 27 HORAS E 37 MINUTOS, Á MÉDIA DE 72,420 KILOMETROS Á HORA

CONSRTO DE CANETAS

e todas as peças sobreceletes, para todas as marcas, só na oficina

CONKLIN

◀ Rocio, 93, 3.^o (Elevador) ▶
 Única casa com técnicos especializados



Francisco de Lacerda

Missa do 30.^o dia

Sua viúva, filhos e mais família, mandam resar amanhã, 18, pelas 11 1/2 horas, uma missa na igreja do S. Coração de Jesus.

P. N. A. M.

Grande Café de Italia

REABERTURA

Sob a gerencia do café Chave de Ouro, reabre na proxima quarta-feira, 18, este Café, onde a sua grande e escolhida clientela continuará a ser servida pelo seu pessoal privativo.

E' criada uma nova secção de mariscos, escolhendo para a mesma pessoal devidamente habilitado.

A empresa do Café Chave de Ouro espera continuar a merecer a preferencia dos seus estimados clientes e amigos.

Por **2\$50, 5\$00 ou 7\$50**

pode V. Ex.^a obter uma caneta **CONKLIN**, ultimos modelos, garantidos para sempre, inscrevendo-se nos sorteios semanais da

HAVANESA DE S. DOMINGOS

15 R. Barros Queiroz, 17 (antiga T. de S. Domingos)

na certeza de que nunca perderá o seu dinheiro

Concerlam-se canetas e vendem-se soltas todas as peças. Aparos de ouro e de metal. Borrachas, Tintas. Outras marcas de canetas com aparo de ouro de 14. kilates desde 20\$00.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 22—Recital de Dalia Iniguez.
 Avenida—A's 20 e 45 e as 23—«Sant' Antonio».

Coliseu—A's 21 e 45—«Gueisha».

Luna Parque—Desde as 21 e 30 até de madrugada:—Diversões Internacionais.

CINEMAS

Condes—A's 21 e 15.

Odéon—A's 21 e 15.

Olimpia—Das 14 e 30 às 24.

Capitolio—A's 21—Cinema.

Palacio—A's 21 e 30.

Chiado Terrasse—A's 21 e 15.

Royal-Cine—A's 21 e 15.

Pavilhão Português—A's 21—Cinema.

Belgica—R. da Beneficencia-Doming. 2.^o, 5.^o

Eden-Cinema—R. do Alvitto, a Alcantara.

Promotora—L. 20 de Abril, ao Calvario.

Está descontente com a sua dentadura artificial?

Quer uma modificação perfeita, segura e garantida?

Dirija-se ao cirurgião-dentista

Eduardo Courreges Moreira

Consultorio: Rua de Campolide-60-1.^o

Telefone N. 4426

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

HORARIO DOS COMBOIOS

11.^o Aditamento ao Cartaz-horario D. 225-(1)

Linha do Norte

Rapidos Lisboa-Porto

Os comboios rapidos n.^{os} 52 e 55 continuarão a circular diariamente até 15, inclusive, do proximo mês de Agosto.

Lisboa, 13 de Julho de 1934.

O Director-Geral da Companhia

(a) A. de Lima Henriques

Companhia Nacional de Caminhos de Ferro

ANUNCIO

Para os devidos efeitos se anuncia que foram sorteadas para amortização as obrigações de 9 0/0 n.^{os}: 791 a 800, 2.521 a 2.530 e 4.471 a 4.480, da emissão feita por virtude da portaria n.^o 5.356 de 14 de agosto de 1926.

O pagamento dos juros relativos ao 1.^o semestre de 1934 e dos titulos amortizados, e continuará até ao dia 16 do referido mês, e continuará até ao dia 16 do referidomês.

A importancia liquida de avença de selo e de registo é de 4\$35 para os titulos ao portador e de 4\$40 para os titulos nominativos.

Lisboa, 15 de Junho de 1934

O Administrador Delegado

Pedro Joyce Diniz

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Bilhetes de assinatura semanal e mensal

Os aditamentos 11.^o, 23.^o e 28.^o, respectivamente ás tarifas especiais internas n.^o 14 e 1 (Grande velocidade) em vigor nas linhas da antiga rede, do Minho e Douro e do Sul e Sueste, determinam as condições e os preços, a partir de 1. de julho, dos bilhetes de assinatura semanal e mensal.



D. Maria Martinez Santos Tavares

FALECEU

Francisco Santos Tavares e sua mulher D. Clemencia Patricio Santos Tavares, Eugenio Santos Tavares, sua mulher D. Lia Querencio Santos Tavares, seus filhos e Francisco Eugenio Santos Tavares cumprem o doloroso dever de participar aos seus parentes e ás pessoas das suas relações o falecimento de sua querida irmã, cunhada e tia e que o seu funeral se realizará amanhã, 18 do corrente, pelas 11 horas, da sua residência, Travessa das Mercês, 34, 1.^o, para o seu jazigo, no cemiterio do Alto de S. João.

Dr. Ferreira Pires
Das Faculdades de Filadelfia e Lisboa
Boca e maxilares
Clinica Dentaria
Rua do Jardim do Regedor, 51, 1.º
e Rua da Escola Politecnica, 77, 1.º
Telefones 2 5709 e N. 7380

ESTRANGEIRO

Sortes Grandes?
Só a casa COSTA, LTD. as vende
75 - Rua de S. Paulo 77

REATARAM-SE AS RELAÇÕES entre a China e a Persia

PEIPING, 17.—Reataram-se as relações diplomáticas entre a Persia e a China, interrompidas desde 1800. Chegou, recentemente, a Changai o sr. Hussein Khan Keyostevan, para desempenhar o cargo de consul persa, na China. As relações diplomáticas, que desde tempos antiquíssimos haviam mantido estes dois velhos países, foram interrompidas, em 1800, quando a dinastia dos Sassanian da Persia foi destruída seguindo-se um período de caos, em que o país foi governado por arábes, turcos e afgãos. Formalmente as relações entre os dois países reataram-se em 1929 com uma troca de notas diplomáticas, mas só agora é que se deu a troca consular entre as duas nações. O representante da Persia, na China é um veterano do serviço diplomático do seu país e propõe-se negociar acordos diplomáticos entre os dois países e fomentar as relações culturais entre estas duas antiquíssimas nações. Até agora ainda se não nomeou o representante diplomático que a China deve enviar para a Persia. O contacto e as relações entre a China e a Persia, há mais de mil e trezentos anos, eram muito importantes. No século VI, segundo conta a história vieram à China, embaixadores persas para render homenagem ao grande Tis-Tsung, fundador da dinastia de Tang, trazendo uma coleção de magníficos presentes. As caravanas transportando sedas, chá e especiarias estreitaram, durante largos anos as relações entre os dois países, até que os bandidos e a guerra civil puzeram fim a este negócio lucrativo.—(United Press).

Graves tumultos na Bessarabia

BUCAREST, 17.—Na Bessarabia, no distrito de Balf, produziram-se graves incidentes entre os gendarmes e membros das associações hilerianas que foram dissolvidas. Durante as buscas feitas na sede da organização deram-se violentos conflitos entre a polícia e os hilerianos. Efectuaram-se umas 20 prisões. Em Brasove, na Transilvania, alguns hilerianos da minoria saxona, membros da associação recentemente dissolvida, fecharam um israelita.—(Havas).

Use **PEBECO**

de manhã e á noite e terá os seus dentes e a boca completamente livre de microbios.

POLICLINICA DO ROCIO
L. O. João da Camara, 19 - (Ao Rocio)
Tele. 2 0560.

DR. A. PINA JUNIOR — Clinica geral das crianças—14 h.
DR. CANCELA DE ABREU—Medicina geral, doenças nervosas—17 h.
DR. CORDEIRO BLANCO—Doenças dos olhos—11,30.
DR. CORDEIRO LOBATO — Garganta, nariz e ouvidos—14 h.
DR. F. MARTINS PEREIRA—Medicina geral, coração e pulmões—15,30 h.
DR. GONÇALVES VITERBO—Doenças de boca e dentes—16,30 h.
DR. JORGE FALCAO—Pele e sífilis—15 h.
DR. JOSE PAREDES — Cirurgia geral operações—16 horas.
DR. OLIVEIRA MARTINS—Doenças das senhoras-gravidez, ás 15.
DR. REGO CORDEIRO—Rins e vias urinárias—A's 11 h.
DR. GENTIL BRANCO—Raios X.
DR. REIS VALLE—Analyses clinicas. Diathermia, ultra-violeta, infra-vermelhos, galvanisação, maçoagem e ginnastica medica.

SORTES GRANDES

Só a casa COSTA L.D.A. as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

NA PENINSULA ARABÍCA

A estratégia de Ibn Saud

Um jornal francês comparou recentemente o rei dos Wahabitas a Napoleão. Não podendo levar-se até este ponto a comparação entre o mestre sublime da arte da guerra, de invioláveis lições e o chefe árabe que operou num teatro de operações tão extenso como metade do território dos Estados Unidos, é justo reconhecer que o vencedor do Hedjaz e do Iemen tem qualidades incontestáveis de estrategista. Este termo, porém, é aqui empregado na mais larga acepção, englobando ao mesmo tempo o aspecto religioso, social, politico, diplomatico, economico e militar. E' principalmente por motivo desta especie de universalidade que, guardadas as devidas proporções, poderia esboçar-se uma comparação entre aquele que, há um século e meio, sonhou conquistar o Egipto e a Siria para ferir a Inglaterra, e aquele que, hoje, ameaça de perto as estradas terrestres da India, as condutas de Kirkuk ao porto de Caifa e o caminho aereo do Cairo a Bagdad e Bassora.

Excepcionalmente as reformas sociais e politicas, Ibn Saud poderia melhor ser comparado a Pedro o Grande. Como o verdadeiro fundador da Russia, e um paciente anexador de terras, com Riad, sua capital e quartel general, como centro. Do mesmo modo que o moscovita, procura abrir saídas para o mar: primeiramente, no golfo Pérsico, uma especie de Mar Negro inglês, um bico sem saída; depois, no Mar Vermelho, isto é, no grande caminho marítimo das Indias. E como Mustapha Kemal, Ibn Saud evitou estabelecer a sua capital no litoral. Tal como Ankara (Angora), o oásis de Riad está situado na alta estepe desértica, nessa fortaleza do Nedjed ou «Região elvada», de que os ingleses ocupam o caminho de ronda com as «Regiões baixas» do Iraque, Transjordania e planícies costeiras do golfo Pérsico e do Mar do Oman.

Graças á sua estratégia, o jovem chefe partiu de Koweit, em 1902, com 25 cavaleiros, para reconquistar Riad, a capital dos seus antepassados, formou o Império Wahabita, que compreende hoje, á roda do Nedjed como núcleo essencial: a provincia de El-Hasa, tomada aos Turcos em 1913, e cuja posse foi confirmada pela Inglaterra, em 1915, áquele que era então semente emir; o principado de Chammam, conquistado em 1921 a Ibn Rechid, aliado dos Turcos durante a Grande Guerra; o Hedjaz, tomado em esforçada luta, em 1924-1925 ao rei Hussein, protegido da Inglaterra; o Asir, ocupado efectivamente em 1930, depois de estabelecido desde 1926 o protectorado wahabita sobre este emirado; finalmente, em 1934, o Tehama ou litoral do Iemen, assim como o Nedjran ao Norte, isto é, o território contestado da recente guerra iemen-wahabita. E deve notar-se que o senhor deste Império, pacientemente estabelecido em 32 anos, reclama ainda á Inglaterra os distritos de Aba-

ka e Maan, que a dinastia hachemita de Meca cedeu, em 1925, antes da sua queda, á Transjordania. Abaka é um porto na parte mais interna do golfo do mesmo nome, que á maneira de cunha fica entre a península de Jinai e o rebordo onde passa o caminho de ferro de Damas a Medina. Maan é uma estação desta via ferrea e um centro importante de estradas para Abaka, Amman e Jerusalem. Compreende-se que um wahabita, nestas condições, anexador de terras e portos, não queira enunciar a tais pontos estratégicos.

Onde reside o segredo destes exitos ininterruptos? Claudio Prost, num estudo publicado na Revue des Deux-Mondes, de 15 de Outubro de 1924, sobre «A Potencia xerifiana e o wahabismo», relatando a acção de Ibn Saud, de 1916 a 1919, escrevia: «Tal é a obra realizada em quatro anos pelos wahabistas, sem conhecimento da Europa». Hoje, a obra produzida é mais grandiosa ainda, ignorada da Europa, com excepção da Inglaterra. Em resumo, Ibn Saud utilizou com habilidade, para fins politicos e militares, a doutrina wahabita, isto é, o fanatismo dos seus subditos. Com este objectivo, criou a confraria de Ikhwana, que é a verdadeira célula da organização religiosa, social e militar, do Nedjed. Os principios são os seguintes: suprimir os nomades, fixando as tribus ao solo em «terras reais», e transformando-os em agricultores. Com a abertura de poços e canais, Ibn Saud conseguiu a produção, no Nedjed, de cereais e lamas necessárias para o consumo dos 450 mil habitantes do seu reino. Finalmente, cada colonia agricola foi organizada militarmente com o pessoal, animal e material preciso para a sua mobilização imediata. Vários exercicios mantêm as qualidades naturais de resistencia e vigor dos guerreiros, para os quais o problema do abastecimento tem sempre importancia, visto que são sóbrios.

Assim, a todo o instante, Ibn Saud pode ordenar um ataque importante em qualquer direcção. Em 1924, atacou simultaneamente o Iraque, a Transjordania e o Hedjaz. E a Inglaterra não se empenhando em proteger o Hedjaz, em caso de agressão por parte de qualquer dos seus vizinhos, os wahabitas apoderaram-se de Meca, Medina, as duas cidades santas dos muçulmanos, e do porto de Djedah.

Ibn Saud, a partir de 1928, conforme indica Philby, na sua obra publicada em 1929: «History of the Wahabism», fez um largo emprego do automovel, da motorização militar, que desempenhou um papel importante na marcha rápida das tropas wahabitas sobre Hodeida. Concluindo, a organização wahabita em colonias agricolas e militares é utilizada para assimilar, mesmo pela violencia, as tribus submetidas, tal como aconteceu com a nodoa de azite.

Coronel MARIO DE CAMPOS

Comemorou-se em Inglaterra

a abolição da escravatura

LONDRES, 17.—Celebra-se hoje o centenario da abolição da escravatura em todo o Imperio Britanico. Esta medida contribuiu para a emancipação de milhões de escravos, dos quais 700.000 pertenciam ao Imperio. Nestes ultimos cem anos o governo inglês conseguiu a assinatura de cerca de 600 documentos diplomaticos internacionais garantindo a abolição da escravatura e a emancipação dos escravos. Apesar disto calcula-se que ainda haja cerca de 5.000.000 de individuos na condição de escravos, em diferentes partes da Africa e Extremo Oriente.—(Havas).

Um convento

destruido pelo fogo

ATENAS, 17.—Manifestou-se incendio no historico convento de Mega em Spilaion, provocado por pedreiros. O convento ficou destruido, mas foram salvos pelos monges os manuscritos e codigos da biblioteca, assim como o tesouro da Igreja, no qual está incluído um icone rarissimo da Virgem. Espera-se poder proteger a Igreja. Em consequencia do vento, o fogo comunicou-se á floresta que cercava o convento até ao cume do monte Chalmos. Ficou, no entanto, indemne um hotel situado no cume, onde se encontravam alguns turistas. Este incendio causou grande emoção, pois o convento era venerado de todo o helenismo orthodoxo.—(Havas).

Uma expedição científica de grandes proporções

MOSCOVO, 17.—Sob a direcção do professor Gorbemof, acaba de sair para Pamir uma expedição organizada pela Academia de Ciencias e que se compõe de 74 grupos de seis pessoas, cada um deles com relativa independencia de acção. Dessa expedição, organizada como nenhuma outra, até hoje, fazem parte 300 homens de ciencia, muitos deles especializados nos estudos da Asia Central. Entre os sabios figuram Sterbakof, Artemief e Kreiter, todos de renome mundial.

Da caravana fazem parte 600 cavalos, 40 camelos, 300 jumentos e 14 automoveis e alguns aeroplanos. Além da parte propriamente scientifica, a expedição procura descobrir o paradeiro de quatro sabios que partiram o ano passado e deviam passar o inverno no campo de gelo de Teetchenco e de que não ha noticias.—(Americana).

A saude dos cubanos abalada

HAVANA, 17.—Continuam a registar-se casos de paralisia infantil. Ontem deu-se o terceiro caso fatal. Uma epidemia de «influenza» grassa nesta cidade. Por seu turno o departamento de Higiene, começou a concentrar em diversos campos os pobres que infestam as ruas da capital. A prostituição aumentou assustadoramente.—(Havas).

Manifestação comunista em Cuba

HAVANA, 17.—Em Media Luna (provincia do Oriente), a tropa dispersou uma manifestação de quatrocentos comunistas.—(Havas).

O SUL DA POLONIA

devastado pelas inundações

VARSOVIA, 17.—Graves inundações causadas por chuvas torrenciais devastaram o sul da Polonia. O rio Bial subiu três metros algumas horas, ameaçando a cidade de Tarnow e tendo já inundado numerosas aldeias. A cidade de Zakopane está completamente isolada. Em Nowysacz numerosas casas abateram ou ameaçam ruína. O rio Dujane sobe constantemente, tendo arrebatado as pontes. Recela-se que haja numerosas victimas.—(Havas).

O incidente da ilha de Samos

IZTAMBUL, 17.—Segundo informação de origem autorizada, o governo turco, embora entendendo que as sentenças agiram de acordo com as ordens que lhes tinham sido dadas, telegrafou ao embaixador da Turquia em Londres para dar explicações ao governo inglês acerca do lamentavel incidente da ilha de Samos, em que foi morto um official britânico e ferido outro gravemente.—(Havas).

A Austria corporativa

VIENA, 17.—As aguias republicanas, com uma cabeça e ornadas com uma foice e um martelo, que se encontravam ao cimo de dois grandes mastros em frente do palacio do Parlamento, acabam de ser substituídas por novas aguias, com duas cabeças, como simbolo da nova Austria corporativa.—(Havas).

Estatística de casamentos

BERLIM, 17.—No ultimo semestre do ano corrente, o número de casamentos na Alemanha aumentou de 7,9 para 9,2 por mil habitantes. Em Inglaterra subiu de 7,5 para 7,7 por mil e em Italia, de 6,4 para 6,8. Em França não houve aumento.—(Americana).

PETROLE

HAHN

CONTRA A QUEDA
DO CABELO E
A CASPA

Deposito: Rua d'Assunção, 88—LISBOA

USAR

o bocal "ASSEPTO-FONE", é aliar a higiene a utilidade do telefone.

Telef. 2 7559

ULTIMAS NOTICIAS

SUM

E' o melhor
limpa
metais

EM S. FRANCISCO DA CALIFORNIA

Os grevistas levantam barricadas para resistir á força publica

SAN FRANCISCO DA CALIFORNIA, 17.—A situação criada pelos grévistas é cada minuto que decorre mais alarmante e angustiosa para a população que vive horas de intenso terror em virtude do aparato bélico a que assiste. O estado de guerra será proclamado dentro de poucas horas.

As forças de Polícia que no domingo ultimo haviam sido reforçadas e que contavam já com um efectivo de 8.300 homens, foram esta manhã aumentadas com mais 5.000, e com dois «tanks» de guerra de sete toneladas cada, fortemente armados com metralhadoras pesadas. Os pontos estrategicos da cidade, foram ocupados por forças de artilharia que ali montaram grande numero de canhões que se encontram prontos a entrar em acção á primeira voz. O serviço de vigilância á cidade é cada vez mais apertado e rigoroso.

O governador da cidade declarou a um redactor da «United Press» que está na disposição de não usar meios violentos mas, se a isso for obrigado pela força das circunstancias, então será terrível na repressão aos desmandos praticados pelos grévistas. Dará ordens ás forças que operam para fazerem fogo a matar. Para grandes males, grandes remedios, disse o governador.

Continuando, acrescentou que o serviço de abastecimentos de géneros alimentícios á população estava assegurado, pois que já tinha conseguido reabastecer quinhentos depósitos de viveres que poderão fornecer alimentação a dois milhões de pessoas.—(United Press).

A paralização alastra

MINNEAPOLIS, 17.—As 4 horas principiou nesta cidade a greve dos seis mil carregadores e condutores de camions.

Os chefes sindicalistas do movimento anunciam que esta greve é o prenuncio da greve geral que em breve será declarada.

O transito nesta cidade encontra-se completamente paralizado.—(United Press).

Barricadas nas ruas

SAN FRANCISCO DA CALIFORNIA, 17.—Está declarada a greve geral em Oakland, Alameda e Berkely.

A chegada dum destacamento da infantaria e artilharia a San Francisco, os grévistas levantaram barricadas, dispostos a bater-se.—(Havas).

Começa a haver fome

S. FRANCISCO, 17.—Os 50 mil operarios sindicados, que se encontram em luta com os dois mil patrões da Associação Industrial conseguiram privar esta cidade, cuja população é de 650 mil pessoas, da maior parte dos artigos essenciais á vida.

A greve geral continua a alcançar o éxito mais retumbante. A fim de se protegerem os interesses das pessoas alheias ao conflito trabalham sem descanso 2.500 policiaes e 4.500 agentes da guarda nacional.

A questão agora depende dos grévistas puderem ou não manter o éxito inicial do movimento.

A municipalidade prepara-se para combater os grévistas e tentar restabelecer os serviços de caminhos de ferro municipais, que se encontram paralizados.

Os empregados municipais declaram que não se encontram em greve e que deixaram de trabalhar por não possuírem condições de segurança e terem portanto a vida em perigo.

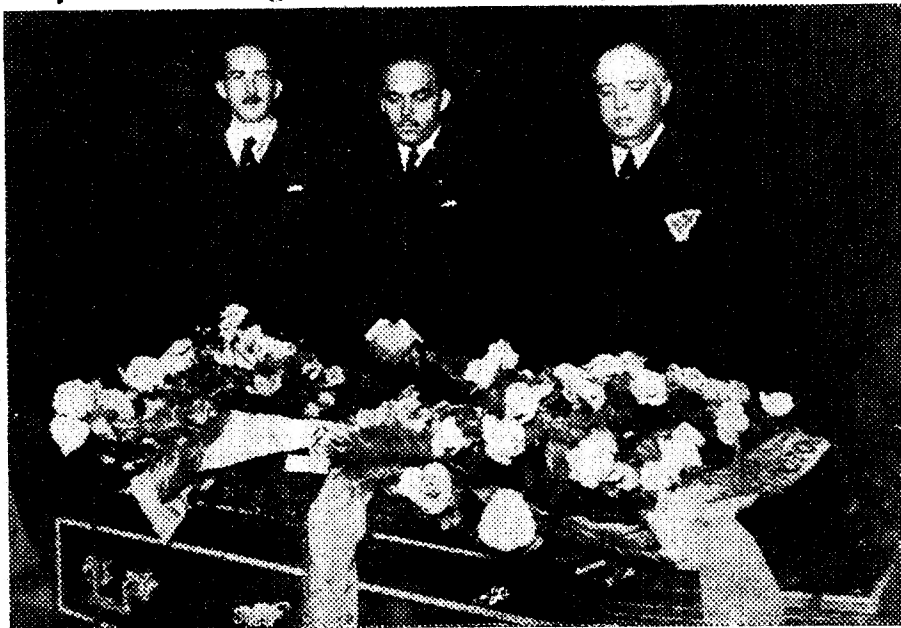
O exodo das pessoas que não têm relações com o movimento aumenta de momento para momento.

Segundo as ultimas noticias, parece que começa a sentir-se a falta de alimentos, havendo, pela primeira vez, fome.

A vigilância feita pelos grévistas nas estradas é cada vez mais activa, a fim de impedir que entrem viveres na cidade.—(United Press).

DE REGRESSO A' PATRIA

Passaram hoje no Tejo os restos mortais da senhora Washington Luiz esposa do antigo Presidente da Republica brasileira



O filho e o genro do sr. dr. Washington Luiz e o sr. dr. Alvaro de Magalhães, velando o corpo da esposa do antigo presidente brasileiro durante a sua permanencia no Tejo

A bordo do paquete «Almanzora», que atracou ao cais do Posto Marítimo de Desinfecção, pelas 11 horas, chegaram a Lisboa, de passagem para o Brasil, os restos mortais da sr.^a D. Sofia Washington Luiz, esposa do sr. dr. Washington Luiz, antigo presidente da Republica Brasileira, a qual, como noticiámos, faleceu em Lausane, para o que muito contribuiu a depressão moral e as saudades da sua patria.

O cadaver da virtuosa senhora, foi encerrado numa rica urna com argolas de prata cinzelada, acompanhando-a até Cherburgo, porto de embarque, o sr. dr. Washington Luiz, que tem estado na Suíça, onde permanecerá ainda dois meses.

A urna, foi colocada numa «cabine» de luxo, armada em camara ardente e revestida com panos negros e bandeiras brasileiras.

Acompanha-a o seu filho Rafael Luiz e o seu genro Firmino Pires de

Melo e sua filha e esposa deste, D. Maria Pais de Melo.

Durante a permanencia do paquete no Tejo, foi o cadaver velado, além dos seus filhos, pelo sr. dr. Alvaro de Magalhães, que representava sua mãe, a sr.^a viscondessa de Alijó, seus irmãos e a familia Torcato de Magalhães, também parentes muito proximos do ex-presidente da Republica do Brasil, e ainda por varios imigrados politicos e alguns membros da colonia daquele país.

Sobre a urna, viam-se lindas e ricas corôas, oferecidas pelo esposo e filho da falecida; pela viscondessa de Alijó e filhos; pela familia Torcato de Magalhães; pela baronesa do Rio Branco, etc.

O «Almanzora» levantou ferro ás 16 horas, para S. Vicente, Pernambuco, Rio de Janeiro e Santos, onde desembarca a urna, a fim de ali ficar depositada em jazigo de familia.

Atentado frustrado em Havana

HAVANA, 17.—A embaixada dos Estados Unidos nesta capital, comunica que o embaixador norte-americano, sr. Caffery, esteve novamente para ser vítima de um atentado.

As sentinelas que guardam a embaixada, notaram a noite passada que alguns individuos se ocultavam por detrás de uns arbustos ali existentes. Os guardas intimaram os desconhecidos a retirarem-se do seu esconderijo, e, como não obtivessem resposta, fizeram varios tiros naquella direcção, obrigando-os assim a fugir desordenadamente.

No local onde os individuos suspeitos se haviam escondido, foi encontrada uma potente bomba, que certamente deveria ser lançada contra a residência do embaixador Caffery. Os tiros dos guardas obstaram a que aquelles realizassem o seu objectivo.—(United Press).

Explosão num deposito de munições

BUCAREST, 17.—Deu-se uma formidável explosão num deposito de munições da guarnição de Bucarest, ficando completamente destruido. Morreram três sentinelas.—(Havas).

O CASO DE SERPA

O reu Petrony foi condenado a pena maior

SERPA, 17. (Pelo telefone, ás 14 e 20).—Terminou hoje o grande julgamento que ha dias vinha apaixonando a opinião publica desta região.

A ultima audiencia acabou de madrugada com réplica e tréplica animadas entre a defesa e a accusação.

Foram depois suspensos os trabalhos reunindo o juri pelas 12 horas, para deliberar.

Quando os juizes voltaram á sala, eram 14 horas. Apesar do calor ardente que fazia, o tribunal estava cheio e o interesse pelo desfecho da causa era bem patente.

Foi então lida a sentença Os reus levantaram-se. No meio de um grande silencio, fez-se a leitura daquele documento, que condena o reu Petrony a cinco anos de prisão maior celular na alternativa de sete e meio de degresso e ainda ao pagamento de 1.000 contos de indemnização á Caixa Geral de Depósitos, 10 contos de imposto de justiça e 2 contos de adicionais.

Os restantes reus foram todos absolvidos.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

O Porto

pelo telefone

Congresso Militar Colonial
PORTO, 17

Como já noticiámos, realiza-se no proximo dia 23 a sessão inaugural do Congresso Militar Colonial, possivelmente nas salas do S. João Cine e com a presença das mais altas figuras militares illustres que á sagrada causa da Patria deram o melhor do seu esforço e sangue nas duras plagas africanas.

Será esta uma pagina brilhante da 1.^a Exposição Colonial, bem como a de domingo, em que se realiza a parada dos antigos combatentes que sob o sol ardente de Africa lutaram pela integridade de Portugal. O povo do Porto vai prestar homenagem condigna a esses grandes heróis, alguns dos quais são ignorados e cujos peitos se esmalham com a Torre e Espada, Valor Militar e Cruz de Guerra.

Nesse mesmo dia, realiza-se no Porto a importante prova desportiva do encontro de «foot-ball» entre o clube campeão do norte e a selecção brasileira, o qual está despertando grande interesse na massa desportiva, a qual ao mesmo tempo não quer deixar de prestar a sua homenagem aos nossos heróis de Africa. Torna-se, portanto, necessário que esses dois acontecimentos se realizem a horas absolutamente desenhoadas para que o publico que assim o deseja possa assistir a ambos.

Até agora já foram entregues á comissão organizadora do Congresso 27 teses e estão marcadas cinco sessões.

E' o sr. conde de Vilas Boas quem organiza a parada dos Combatentes.

Exposição Colonial

A Exposição foi hoje visitada por 1. soldado do batalhão n.º 3 de metralhadoras comandados pelo alferes Torres.

De Braga chegou uma excursão composta por 100 alunos da Escola Comercial e Industrial.

Tambem visitaram a Exposição 70 alunos de ambos os sexos da Escola de Aplicação anexa á Escola de Magisterio.

O Orfeão Academico de Lisboa deve visitar a Exposição no proximo dia 29 e anuncia-se tambem para breve um espectáculo pela sr.^a D. Margarida Brandão, a conhecida artista «Conchita Ulla».

Conferencia de Henrique Galvão

Foi muito brilhante a conferencia que ontem realizou no S. João Cine o sr. capitão Henrique Galvão e á qual presidiu o sr. ministro das Colonias que se retirou esta manhã para Lisboa.

Medicos hidrologistas

Seguiram esta manhã para o Norte, em visita ás regiões termas os medicos hidrologistas, que ontem chegaram a esta cidade e ao fim da tarde realizaram uma sessão na Palacio da Exposição.

Incendio numa «ilha»

As 13 e 30 manifestou-se incendio numa «ilha» travessa de Campanhã, onde reside com sua familia o sr. Jeronimo Pereira. Ardeu o travejamento, moveis e roupas, nada estando no seguro.

Ministro das Colonias

Regressou hoje a Lisboa o sr. ministro das Colonias.

O vapor-cisterna «Alviela» deve safar-se esta noite

Durante o dia de hoje continuou activamente o trabalho do «Patrão Lopes» para fazer voltar á superficie o navio-cisterna «Alviela» afundado em frente do Arsenal.

Prosseguiu com éxito a acção dos chupadores de agua, que esvaziaram grande parte do navio.

Esteve a bordo do «Patrão Lopes» o sr. engenheiro Sá Nogueira, administrador geral do Porto de Lisboa, a oferecer os prestimos da administração geral, que o sr. comandante Monteiro de Barros agradeceu, recusando, todavia, por desnecessarios.

E' muito provavel que hoje, ao fim da tarde, ou á noite, o «Alviela» possa ser trazido á superficie.